



FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA – UNIFOR
Vice-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - VRPPG
Centro de Ciências Humanas - CCH
Mestrado em Psicologia

BRUNA BENEMANN

AMORES FEMININOS

Os Conflitos Contemporâneos no Envolvimento Afetivo-Sexual da Mulher Solteira de
Fortaleza

FEMININE LOVE

The Contemporary Conflicts in the Sexual-Affective Relationships of the Single
Women from Fortaleza

FORTALEZA

2009

BRUNA BENEMANN

AMORES FEMININOS

Os Conflitos Contemporâneos no Envolvimento Afetivo-Sexual da Mulher Solteira de Fortaleza.

FEMININE LOVE

The Contemporary Conflicts in the Sexual-Affective Relationships of the Single Women from Fortaleza.

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Psicologia do Centro de Ciências Humanas da Universidade de Fortaleza – UNIFOR, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia, na linha de pesquisa Produção e Expressão Sociocultural da Subjetividade, sob orientação do Prof. Dr. Georges Daniel Janja Bloc Boris.

FORTALEZA

2009

B465a Benemann, Bruna.
afetivo - Amores femininos: os conflitos contemporâneos no envolvimento
 sexual da mulher solteira de Fortaleza / Bruna Benemann. - 2009.
 107 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade de Fortaleza, 2009.
“Orientação: Prof. Dr. Georges Daniel Janja Bloc Boris.”

1. Sexualidade. 2. Amor. 3. Fenomenologia. I. Título.

CDU 159.922.1



Universidade de Fortaleza – UNIFOR
Mestrado em Psicologia
Sujeito, Sofrimento Psíquico e Contemporaneidade

Dissertação intitulada "*Amores Femininos: Os Conflitos Contemporâneos no Envolvimento Afetivo-Sexual da Mulher de Fortaleza*", de autoria da mestranda Bruna Benemann, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:



Prof. Dr. Georges Daniel Jânja Bloc Boris – (UNIFOR) – Orientador




Profa. Dra. Virgínia Moreira – (UNIFOR)



Profa. Dra. Mônica Botelho Alvim – (UFRJ)

Fortaleza, 18 de dezembro de 2009

Visto:


Prof. Dr. Henrique Figueiredo Carneiro
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Psicologia
UNIFOR

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me presenteou com vivências de amadurecimento neste longo percurso de estudos.

À minha avó, Edith, que me ensinou a trilhar os caminhos da vida com fé.

À minha mãe, Márcia, que, amorosamente, acolheu, apoiou e me acompanhou em todos os meus mais malucos sonhos.

Ao meu pai, César, que, preocupado, porém pacientemente, manteve as portas sempre abertas.

Ao meu irmão, Leonardo, e ao irmão escolhido, Rodrigo, por acreditarem na pesquisadora e psicóloga que me descobri.

Ao amado Tarcísio, pelo cuidado apaixonado e pela presença alegre.

Ao pequeno Lupi, pelo amor que trouxe à minha vida.

Ao meu orientador, Georges Boris, pela confiança e pela tranquilidade em lidar com meus momentos de angústia.

À professora Virginia Moreira, que, com seu olhar *mundano*, contribuiu para meu crescimento como pesquisadora.

À professora Mônica Alvim, pela disponibilidade e pelas valiosas contribuições para o enriquecimento deste estudo.

Às colaboradoras, que, através de suas vivências, se permitiram falar dos (nossos) “corações” femininos.

"Eles o merecem se são tão parecidos comigo de tantas maneiras importantes que neles posso amar a mim mesmo; e se são tão mais perfeitos do que eu posso amar neles o ideal de mim mesmo. Mas, se ele é um estranho para mim e se não pode me atrair por qualquer valor próprio ou significação que possa ter adquirido para a minha vida emocional, será difícil amá-lo."

Zygmunt Bauman

RESUMO

Os modelos de relacionamento afetivo-sexual são resultantes da realidade social e histórica e, portanto, variam de acordo com o contexto cultural. Mulheres e homens, sujeitos de múltiplas identidades, vivenciam sua subjetividade feminina ou masculina no contexto de cada cultura. Mas, apesar da incessante transformação que vivemos, ainda encontramos atitudes que demarcam espaços e papéis afetivo-sexuais adotados na sociedade contemporânea e que aumentam o fosso entre os dois gêneros. Assim, a presente dissertação, a partir da discussão de tais modelos, tanto tradicionais quanto contemporâneos, de significação do gênero feminino, do amor e da sexualidade, analisou os depoimentos de mulheres solteiras de Fortaleza, descrevendo suas falas, consideradas como expressão de uma subjetividade ligada ao momento e ao espaço sócio-histórico atual. As discussões sobre os resultados produzidos a partir das entrevistas baseadas no método fenomenológico *mundano* reconheceram múltiplas e mutantes identidades, uma sexualidade e desejos vividos num contexto sociocultural conflituoso de construção da mulher e de seus relacionamentos afetivo-sexuais. Destes encontros, analisados fenomenologicamente, surgiram dois temas emergentes: os “múltiplos contornos” dos encontros afetivo-sexuais contemporâneos, com os seguintes subtemas: o encontro casual; a expectativa; o sexo e o tabu; e o vínculo afetivo; e as relações afetivo-sexuais atravessadas pelo cotidiano contemporâneo, com os seguintes subtemas: o namoro e o casamento *versus* o “ficar”; o romantismo; o outro da relação; e o futuro. As discussões sobre o material produzido, a partir das entrevistas e observações, constatam que os relacionamentos afetivo-sexuais atuais têm convivido com um individualismo exacerbado, que faz com que o medo e a frustração sejam seus companheiros diários. Assim, diante dos relatos aqui expostos, percebemos mulheres em busca de um percurso mais livre e autêntico em direção ao amor, ao sexo e à completude. Tal dissertação, voltada para o campo de Fortaleza e sua complexidade, revela a vivência de mulheres que trabalham e tem a oportunidade de dirigir sua força criadora para o mundo de diversas maneiras.

Palavras-chave: Subjetividade Feminina; Relações de Gênero; Sexualidade; Amor; Contemporaneidade; Fenomenologia *Mundana*.

ABSTRACT

The role models for a sexual-affective relationship are the result of social and historical reality and, therefore, variable according to cultural context. Women and men, subjects of multiple identities, experience their female or male subjectivity in the context of their own culture. However, despite of the constant transformation of our world, it is possible to find attitudes that establish sexual-affective roles. These roles are understood as a reason to enlarge the gap between both genders. The present thesis, through the discussion of the traditional and contemporary models used to give meaning to the feminine gender, to love and to sexuality, analyzed the testimony of single women from Fortaleza, describing their speech as an expression of a subjectivity linked to the present historical context. The discussions about the results, produced through interviews based on the *mundane* phenomenology acknowledged multiple and mutant identities, as well as sexuality and desires lived in a quarrelsome social cultural context. From these phenomenologically analyzed interviews, two emergent themes were possible to identify: the “multiple outlines” of the sexual-affective contemporary relationships, with the following subtopics: the casual relationship; the expectation; sex and taboo; the affective link; and, the sexual-affective relationships crossed by the contemporary everyday, with the following subtopics: dating and marriage *versus* “making out”; the romanticism; the other one in the relationship; and the future. The discussions over what was produced through the interviews and the observations say that the contemporary sexual-affective relationships have been showing an exaggerate individualism, that is responsible for a constant feeling of frustration and fright. Therefore, according to what was here exposed by the participants, it was possible to acknowledge women searching for a free and authentic path to love, sex and plenitude. The present thesis, facing Fortaleza's field of study and it's complexity, exposes the experiences of women that work and have the opportunity to guide their power to the world in several different ways.

Key-Words: Female Subjectivity; Gender Relationships; Sexuality; Love; Contemporaneity; Mundane Phenomenology

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1. MULHERES DOMESTICADAS OU LIBERTÁRIAS: REPERCUSSÕES HISTÓRICAS E PSICOLÓGICAS DO MOVIMENTO FEMINISTA.....	15
2. SANTIDADE OU PERDIÇÃO: OS DIVERSOS PAPÉIS AFETIVO-SEXUAIS DA MULHER NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA.	31
3. ATÉ QUE O INDIVIDUALISMO NOS SEPARE: UMA BREVE HISTÓRIA DO AMOR.....	43
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	51
4.1. A Abordagem Qualitativa em Pesquisa	51
4.2. O Método Fenomenológico <i>Mundano</i>	53
4.3. A pesquisa.....	56
4. 3. 1 - Os sujeitos da pesquisa.....	57
4. 3. 2 - O instrumento da Pesquisa.....	59
4. 3. 3 - A análise e a interpretação dos Dados da Pesquisa	61
5. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS: OS RELACIONAMENTOS CASUAIS PARA A MULHER SOLTEIRA CONTEMPORÂNEA DE FORTALEZA. ...	63
5.1 Os “Múltiplos Contornos” dos Encontros Afetivo-Sexuais Contemporâneos	64
5.1.1 O encontro casual.....	64
5.1.2 A expectativa	69
5.1.3. O sexo e o tabu.....	71
5.1.4. O vínculo afetivo	77
5.2. As Relações Afetivo-Sexuais Atravessadas pelo Cotidiano Contemporâneo....	80
5.2.1. O namoro e o casamento <i>versus</i> o ficar	81
5.2.2. O romantismo	83
5.2.3. O outro da relação	86
5.2.4. O futuro.....	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	92
REFERÊNCIAS	100
ANEXOS.....	103
ANEXO 1 – CARTA DE INFORMAÇÃO.....	104
ANEXO 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	105
ANEXO 3 - DECLARAÇÃO DA REVISÃO GRAMATICAL	
ANEXO 4 – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA	

INTRODUÇÃO

*A festa estava mesmo ótima
Ela procurava um príncipe
Ele procurava a próxima*

*Ele reparou nos óculos
Ela reparou nas vírgulas
Ele ofereceu-lhe um ácido
E ela achou aquilo o máximo*

*Os lábios se tocaram ásperos
Em beijos de tirar o fôlego
Tímidos, transaram trôpegos
E ávidos gozaram rápido*

*Ele procurava álibis
Ela flutuava lépida
Ele sucumbia ao pânico
E ela descansava lívida*

*O medo redigiu-se ínfimo
E ele percebeu a dádiva
Declarou-se dela o súdito
Desenhou-se a história trágica*

*Ele enfim dormiu apático
Na noite segredosa e cálida
Ela despertou-se tímida
Feita do desejo a vítima*

*Fugiu dali tão rápido
Caminhando passos tétricos
Amor em sua mente épico
Transformado em jogo cínico*

*Para ele uma transa típica
O amor em seu formato mínimo
O corpo se expressando clínico
Da triste solidão a rubrica
Skank*

A proposta desta pesquisa foi realizar uma investigação fenomenológica acerca dos envolvimento afetivo-sexuais contemporâneo de mulheres solteiras de Fortaleza. Apoiada no método fenomenológico mundano (Moreira, 2004),

especialmente em sua concepção de sujeito em mútua constituição com o mundo, e realizando investigações acerca da subjetividade feminina, discuti a tessitura das relações de amor e das vivências sexuais de mulheres solteiras na atualidade (Badinter, 1986; Giddens, 1993; Aran, 2003; Frazão & Rocha, 2004; Goldenberg, 2004).

Diante da aparente abertura e da aceitação das experimentações amorosas e sexuais que presenciamos nos dias atuais – facilmente reconhecidas em nossa música popular, nas novelas e em outras formas de narrar e de representar a vida diária –, há muito me inquietava o sofrimento que parecia se manifestar nas vivências afetivo-sexuais das mulheres contemporâneas envolvidas em relacionamentos sem vínculo conjugal. Além disto, diversos estudiosos vêm apontando as transformações sociais acerca das relações afetivo-sexuais e dos novos arranjos conjugais (Badinter, 1986; Giddens, 1993; Aran, 2003; Frazão & Rocha, 2004; Goldenberg, 2004). O advento do divórcio e a dificuldade de manutenção das relações afetivas acentuaram o atual fenômeno do descartável, do temporário e do transitório. Assim, no meu percurso como estudante de psicologia, acompanhei processos psicoterápicos em que os desabafos e os relatos da vida privada me fizeram questionar o formato mínimo que o amor parecia estar assumindo em relacionamentos, hoje, popularmente, chamados de “casuais”. Percebendo tal mudança nas vivências atuais do amor e do sexo, que enfatizam o prazer momentâneo do encontro de corpos e o desencontro de subjetividades (Bauman, 2004), dispus-me a buscar compreender de que forma as mulheres solteiras vivem suas relações afetivo-sexuais na contemporaneidade. Diante desta questão, senti necessidade de discutir outras expressões do amor e da sexualidade feminina. Os padrões convencionais estabelecidos já não davam conta da

diversidade dos relacionamentos afetivo-sexuais contemporâneos. De acordo com Teles (1999), o movimento feminista buscou questionar as relações de poder vigentes, assim como a opressão e a exploração que ocorrem nestas relações. O direito ao divórcio, ao amor, aos relacionamentos homoeróticos e ao sexo eventual, que não se restringem à conjugalidade, exemplifica algumas formas como as mulheres passaram a reivindicar sua sexualidade. Apesar da relevância do tema, no Brasil ainda são escassas as pesquisas voltadas à sexualidade não restrita à conjugalidade. Entretanto, tal tema pode contribuir, certamente, para uma maior compreensão do processo de subjetivação da mulher contemporânea, pois, na medida em que é tecida sua história coletiva, podemos (re)construir histórias individuais. Neste contexto, destaco a necessidade de compreender as relações de gênero, o amor e a sexualidade, não a partir dos modelos tradicionais, que definem rigidamente os papéis masculinos e femininos, mas discutindo o significado atribuído pelas próprias mulheres ao amor e ao sexo, em seus relacionamentos concretos.

Muitas vezes, me perguntava se o jogo do desejo sexual e da entrega amorosa, presentes na conquista e na “paquera”, eram parte de um processo de adaptação às exigências do mundo contemporâneo. Ou seria a possibilidade de se relacionar, na realidade atual, tão declaradamente focada na priorização do eu individual? Assim, diante da minha vivência como mulher contemporânea – de repente, solteira, novamente, e perdida no sofrimento de pressões e de dúvidas provocadas por uma realidade aparentemente tão permissiva, mas ainda tão feroz em seus preconceitos silenciosos contra mulheres dispostas a experimentar os relacionamentos casuais –, busquei discutir as novas expressões das vivências afetivo-sexuais da mulher solteira contemporânea, em especial os seus relacionamentos “casuais”, que não seguem o modelo dos conjugais oficializados,

mas envolvem encontros eventuais entre mulheres solteiras e homens (casados ou não). Não busquei montar, através de definições fixas, um “quebra-cabeça” que formaria uma imagem taxativa de mulheres “fáceis”, nem, tampouco, desculpas para a falta de compromisso de tais mulheres com seus parceiros. Pelo contrário: acredito que pude descrever (sem delimitar restritivamente) a mulher contemporânea, compreendendo seus prazeres e suas dores vividos em tais encontros e, também, nos seus momentos de solidão.

Frazão e Rocha (2004) discutem as formas contemporâneas dos relacionamentos entre homens e mulheres. Para eles, os movimentos feministas, que lutaram pela emancipação e pela igualdade entre os gêneros, fizeram, muitas vezes, com que as mulheres adotassem um modelo de comportamento social rígido, sem a preocupação com a expressão emocional e voltado à conquista do espaço público como meta política de suas realizações. Devido à busca das mulheres de conhecerem a si mesmas, sua sexualidade e seus afetos, parece estar emergindo uma nova subjetividade feminina, que, por vezes, entra em choque com o poder patriarcal masculino ainda vigente e os relacionamentos conjugais tradicionais. Por sua vez, Souto (2004) afirma a necessidade de serem estabelecidas relações mais criativas e libertadoras entre os gêneros e discute a superação do antigo modelo de atribuição de papéis sociais. Foi, também, na minha prática profissional como psicóloga que pude me deparar com tal atmosfera de transformações sociais e, por conseguinte, com suas implicações sobre as relações afetivo-sexuais. Assim, passei a considerar tais reflexões como necessárias para compreender a mulher solteira contemporânea e os significados que ela atribui às suas vivências afetivo-sexuais. Para que minha pesquisa se aproximasse da realidade vivida, fez-se necessário investigar como tal fenômeno era compreendido pelas mulheres que o vivenciavam.

Ocorre, hoje, uma crise da família patriarcal monogâmica e heterossexual (Sutter, 1995). Tal família, caracterizada pela definição rígida dos papéis masculinos e femininos, na qual as mulheres são seres assexuais e os homens vivenciam o sexo divorciado do amor, foi sedimentada nas bases pouco sólidas da sociedade burguesa do século XIX (Poster, 1979). Sua crise atual pode ser percebida no contemporâneo reconhecimento da distinção entre sexualidade, reprodução e conjugalidade, na crescente valorização do sucesso profissional feminino e, também, por vivermos em uma era na qual os relacionamentos homoeróticos ganham espaço e aceitação. Novas formas de relacionamento afetivo-sexual parecem anunciar uma mudança nos padrões da sexualidade e do amor na sociedade contemporânea. É possível perceber as consequências das transformações promovidas pelas mulheres no seu percurso histórico de luta pelos seus direitos. Goldenberg (2004) afirma que, há algumas décadas, os limites dos papéis sexuais eram claros, porém, agora, o que percebe é que homens e mulheres oscilam entre os modelos tradicionais e inovadores e “não parecem estar satisfeitas com nenhum, encontrando-se em pleno reino da desorientação” (p. 60). A cultura e o meio social têm, então, profunda relação com o desenvolvimento da sexualidade. O reconhecimento da motivação para o sexo, tanto como satisfação do desejo quanto como expressão afetiva, como tentativa de procriação e, também, como demonstração de poder e de posição social chama a atenção para tais mudanças dos padrões estabelecidos.

A partir da minha vivência como mulher solteira contemporânea e dos meus estudos e atendimentos como psicóloga, cresceu o meu interesse, como pesquisadora, de aprofundar o olhar sobre questões concernentes à forma como as mulheres solteiras contemporâneas vivenciam suas relações afetivo-sexuais. A partir

daí, tive a necessidade de investigá-las e discuti-las, não em comparação às vivências masculinas, mas reconhecendo a diferença entre os gêneros e as suas diversas representações sexuais e afetivas. Assim, esta dissertação discutiu os conflitos afetivo-sexuais da mulher solteira contemporânea, nos três capítulos descritos a seguir. O primeiro, *Mulheres Domesticadas ou Libertárias: Repercussões Históricas e Psicológicas do Movimento Feminista*, descreve a trajetória histórica das mulheres, discutindo algumas mudanças sociais, ocorridas, principalmente no último século como consequência de suas lutas e conquistas. O segundo capítulo, *Santidade ou Perdição: Os Diversos Papéis Afetivo-Sexuais da Mulher na Sociedade Contemporânea*, discute as transformações dos significados atribuídos ao amor e ao sexo pela mulher, e a possibilidade de vivê-los. Finalizando a revisão bibliográfica, o amor é discutido no terceiro capítulo, *Até que o Individualismo nos Separe: Uma Breve História do Amor*, que trata da sua construção histórica e dos seus principais modos de expressão, bem como de suas diversas significações e repercussões nas vivências das mulheres contemporâneas.

Assim, o objetivo geral desta dissertação foi discutir os significados atribuídos pelas mulheres contemporâneas solteiras de Fortaleza à suas vivências afetivo-sexuais. Os objetivos específicos buscam compreender os impactos ou reflexos das mudanças histórico-sociais nas vivências afetivo-sexuais das mulheres contemporâneas e discutir os relacionamentos “casuais”, buscando compreendê-los a partir das experiências concretas de mulheres solteiras contemporâneas de Fortaleza. Após a discussão teórica, são descritos, discutidos e justificados os procedimentos metodológicos, os passos da pesquisa, a escolha dos colaboradores e dos instrumentos utilizados, bem como a análise dos dados que foram coletados; ou seja, justifico a opção por uma abordagem qualitativa e pelo método

fenomenológico *mundano* e a escuta da experiência vivida de mulheres solteiras entre 25 e 35 anos utilizando entrevistas a partir da seguinte pergunta disparadora: "como você vive o relacionamento com o(s) seu(s) parceiro(s)"? A discussão e a análise dos dados obtido são realizadas conforme os passos indicados em Moreira (2004):

1. Transcrição da entrevista para obtenção do texto nativo;
2. Divisão do texto nativo em movimentos;
3. Análise dos sentidos emergentes;
4. "Saindo dos parênteses" como ferramenta crítica.

Por fim, teço algumas considerações não definitivas sobre a experiência vivida e o significado dos relacionamentos "casuais" para as mulheres contemporâneas solteiras na cidade de Fortaleza.

1. MULHERES DOMESTICADAS OU LIBERTÁRIAS: REPERCUSSÕES HISTÓRICAS E PSICOLÓGICAS DO MOVIMENTO FEMINISTA

*Todo dia ela faz
Tudo sempre igual
Me sacode
Às seis horas da manhã
Me sorri um sorriso pontual
E me beija com a boca
De hortelã...*

*Todo dia ela diz
Que é pr'eu me cuidar
E essas coisas que diz
Toda mulher
Diz que está me esperando
Pr'o jantar
E me beija com a boca
De café...
Chico Buarque de Holanda*

Scott (1991; 1994), historiadora e militante feminista norte-americana, defende a idéia de que o conhecimento histórico não seria apenas um registro das mudanças nas organizações sociais ocorridas ao longo do tempo. Para ela, a história oferece um modo de compreender como se deram tais mudanças, assim contribuindo para a compreensão de como as diferenças de gênero foram produzidas. Beauvoir (1949/1980), ao criticar uma noção de um *eterno feminino*, discute as diferenças e hierarquias entre os sexos também no campo da história. Afirma que “não se nasce mulher: torna-se mulher: nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da

sociedade. É o conjunto da civilização que elabora esse produto” (p. 9). Para Scott (1994), quando se escrevia sobre mulheres e seu cotidiano, se deixava de explicar “a ausência de atenção às mulheres no passado” (p. 14), não abandonando, assim, a tradição que separava espaços sociais para homens e mulheres. Portanto, propõe o pós-estruturalismo, fundado na ênfase em um estudo dos processos históricos visando a como os significados se estabelecem. Seu foco não se volta mais às origens, mas busca compreender o quê as estruturas e as instituições significam para, então, poder entender como elas funcionam.

Scott (1991; 1994) conceitua “gênero” como o elemento constitutivo das relações sociais, baseado nas diferenças entre os sexos e como uma forma primeira de significar as relações de poder. Assim também, Butler (1999) afirma que o feminismo, ao trabalhar com o foco na força política da mulher, termina por reafirmar a idéia de exclusão, de que o movimento feminista discorda, pois tal noção de sujeito, baseada nas diferenças percebidas entre os sexos, foi cunhada pela estrutura social patriarcal, que as lutas feministas buscam vencer. Assim, Oliveira (2008) afirma que o termo “mulher” não deve ser tomado “a priori”:

é necessário realizar críticas às identidades, que instauram a naturalização e imobilizam os movimentos, para que o feminismo possa surgir fundado em pilares diferentes e se libertar da construção de uma única identidade, um modelo de mulher que exclua as demais (p. 5).

É a partir de tal forma de conceber o percurso histórico das mulheres, que afirma que a história da humanidade foi escrita pelos homens e para os homens. Portanto, as militantes feministas, para discutir a trajetória feminina ao longo dos tempos, precisaram vencer obstáculos por conta de uma narrativa sobre o gênero feminino

construída por homens e que, desde o início, pouco tratou de heroínas, mas muito de mulheres desajustadas e de prostitutas. Histórias de mulheres comuns, mas importantes, foram silenciadas e suas lutas foram limitadas. As referências às vivências de mulheres comuns, como suas cartas e seus diários, precisavam ser assinadas pelos maridos e muitas foram queimadas ou destruídas por eles, ou por elas mesmas, por conta do medo e do embaraço de serem contrárias a uma sociedade que pregava que a boa esposa era submissa às ordens do marido e dedicada à família (Beauvoir, 1949/1980). Os homens, no decorrer dos tempos, tiveram o suporte das mulheres, sejam elas suas mães, esposas ou filhas, porém não lhes creditaram o mérito ou o papel de contribuintes das transformações sociais vivenciadas pela humanidade. A tais mulheres, sentenciadas à invisibilidade social, cabia apenas cuidar do lar, deixando aos homens a tarefa de tratar do destino da humanidade (Perrot, 2005). É possível recordar, ao longo da história, o surgimento de vários manuais de comportamento publicados e impostos por políticas sociais, religiosas e familiares para barrar expressões gestuais, artísticas e corporais das mulheres. Seus objetos pessoais eram constituídos de presentes, que nada diziam sobre sua subjetividade: eram, geralmente, bibelôs dados pelos maridos e escolhidos por eles sem a intenção de presentear a singularidade da mulher. Seus vestidos eram a única pele que poderia aparecer, pois o olhar dos vizinhos ditava a moda da mulher decente. Perrot considera que “no ateliê, bem como na escola, os sexos eram separados; no baile, a mulher dançava apenas com seu marido; a arte baniu a nudez na pintura, assim como nos romances” (p. 172). Podemos perceber, então, que os espaços sociais das mulheres foram delimitados pelos homens, que, desde cedo, segregaram as mulheres dos espaços de desenvolvimento intelectual e artístico, calando as suas possibilidades de expressão.

Sobre a divisão de papéis referentes ao trabalho, que, desde o início de nossa história, sempre ocupou lugar central na construção da subjetividade, Badinter (1986) afirma que, na pré-história, homens e mulheres se complementavam, pois a sobrevivência apenas poderia ser garantida e os perigos afastados se colaborassem sem supremacia. Os gêneros masculino e feminino eram, então, durante o período pré-histórico, inseparáveis, pois a divisão sexual das tarefas e das funções deu um tom de igualdade às relações estabelecidas entre homens e mulheres no longo período dos primeiros 30.000 anos da humanidade. Entretanto, mesmo diante da “dependência recíproca” (p. 36), havia algumas tarefas reservadas e outras proibidas às mulheres: aos homens, cabia a caça e a proteção do lar, e, às mulheres, o cuidado dos filhos e a coleta de vegetais. À medida que as tarefas passavam a ser mais e mais reservadas, a complementaridade foi sendo percebida como perigosa: o poder da mulher de gerar vida e a força física do homem para proteger sua família passaram a pesar, desequilibradamente, na balança, já precária, da complementaridade. Badinter (1986) discute tal desequilíbrio, afirmando que “é preciso, entretanto, acreditar que esse estado não é 'natural' às relações dos sexos. O equilíbrio entre os protagonistas sempre é precário, estando à mercê de uma descoberta técnica ou científica, ou ainda de uma mudança ideológica” (p. 87-88).

Assim os dois poderes, o de gerar vida e o de proteger a família, silenciosamente, separaram os gêneros e disputaram o lugar de *status* social.

No período feudal, sistema político, econômico e social que vigorou na Idade Média, o casamento tornou-se fundamental para a acumulação de bens e a manutenção da propriedade privada. A sociedade feudal hierarquizada outorgava ao clero o poder econômico, político e cultural; a nobreza tinha como principal função

guerrear, além de exercer considerável poder político sobre as demais classes e, aos camponeses, cabia servir e manter o clero e a nobreza. A Igreja Católica exercia o poder ideológico e o controle da sociedade pelo poder religioso. Portanto, numa economia fundamentada no poder e no controle da terra, o contrato matrimonial passou a ser uma decisão do patriarca, o chefe absoluto do grupo familiar. Ou seja, a manutenção do *status* e do poder familiar dependia do casamento e de uma mulher que gerasse filhos. A monogamia surgiu com a família patriarcal para, assim, garantir a manutenção da herança em suas mãos e, conseqüentemente, as relações afetivo-sexuais fora do casamento passaram a ser consideradas crime, especialmente se o adultério fosse cometido pela mulher (Oliveira, 1997; Arruda, 2006). A Igreja e a caça às bruxas mantiveram o *status quo* masculino e afastaram a ameaça da mulher que questionava verdades absolutas e o poder patriarcal, como comenta Oliveira:

a Igreja lhe concedia o direito de ir para o céu. A salvação tinha um único preço: ser Virgem Maria, nunca Eva. Contraditoriamente, a Igreja fazia 'vistas grossas' para as prostitutas. Elas eram necessárias para manter a família em ordem. Se a esposa não satisfazia todos os desejos, o homem liberava os instintos nos bordéis, sem precisar acabar com o casamento (p. 30).

O movimento de caça às bruxas e o controle ideológico exercido pela Igreja povoam nossas lembranças e identidades como movimentos castradores e favoráveis à manutenção da ordem vigente e do poder patriarcal. Para Badinter (1986), o patriarcado, no qual a autoridade masculina é imposta à relação entre homens e mulheres e a dominação do patriarca é a realidade da vida familiar, não pode ser explicado apenas como um sistema socioeconômico centrado no poder familiar e no

parentesco paterno: “o termo designa também toda estrutura social que nasça de um poder do pai” (p. 95).

DaMatta (2001), questionando as relações simbólicas entre o gênero feminino e a comida na cultura brasileira, afirma que a capacidade reprodutiva feminina tornou-se uma virtude, mas que a “mulher da rua” mesmo sendo uma perturbação moral capaz de desviar a santidade feminina e o padrão moral estabelecido, é necessária para a manutenção da sociedade. Ele afirma que “dessas mulheres deve-se fugir – diz a moral brasileira tradicional -, mas sem elas, reza paradoxalmente essa mesma ética, o mundo seria insosso como uma comida sem sal” (p. 59-60), deixando claro que a autoridade masculina imposta à relação entre homens e mulheres cede à mulher papel social submisso, tanto à esposa mantenedora do lar, quanto à prostituta, mantenedora da ordem social. Assim, de acordo com Siqueira e Bandeira (2003), novos espaços e diferentes significações para cada gênero passaram a existir:

(...) o da produção, construído como domínio do homem e o da reprodução, marcado como domínio das mulheres. Esta dualidade de sentidos foi apropriada de maneira diferenciada. Aos homens a auto-afirmação da razão científica aliada a dominação, que revela a “civilização”. Às mulheres, os desejos e as paixões, as fragilidades, o domínio da irracionalidade (p. 3).

Embora, ao longo da história, algumas correntes filosóficas e religiosas tenham, anteriormente, defendido os direitos da mulher em muitas e diferentes situações, o feminismo, como um movimento teve origem no ano de 1848, na Convenção dos Direitos da Mulher, em Nova Iorque. Tal movimento, voltado à luta pela igualdade entre os gêneros, ganhou força reivindicatória por ocasião das

grandes transformações socioculturais provocadas pela Revolução Francesa (Silva, 2007). Entretanto, o lema da Revolução, “liberdade, igualdade e fraternidade”, não modificou o *status* das mulheres, pois elas permaneceram fora do foco da luta dos revolucionários, que reivindicavam o cumprimento da Declaração Universal dos Direitos do Homem. Suas conquistas se resumiram à instituição do divórcio e ao reconhecimento da igualdade de homens e mulheres na distribuição da herança (Oliveira, 1997).

A substituição das ferramentas pelas máquinas, da energia humana pela energia motriz e do modo de produção doméstico pelo sistema fabril constituiu a Revolução Industrial, na segunda metade do século XVIII, encerrando a transição do feudalismo ao capitalismo e produzindo enorme impacto sobre a estrutura da sociedade de acumulação de capital. A Revolução Industrial concentrou os trabalhadores em fábricas e, os operários passaram a ser assalariados pelos donos do capital. Uma das primeiras consequências da Revolução foi o desenvolvimento urbano. A situação difícil dos camponeses e artesãos, estimulados por idéias advindas da Revolução Francesa, exigiu a organização dos trabalhadores e, logo, as associações passaram a ter caráter reivindicatório (Arruda, 2006). Para as mulheres, se, por um lado, o início da industrialização possibilitou que se produzissem mais arquivos sobre as suas histórias femininas, por outro, uma nova fonte de opressão se acrescentou às que, até então, já silenciavam as mulheres: o trabalho passou a ter um papel opressor, tanto quanto a família e o sexo – o lugar da mulher deveria ser na família e no lar. No entanto, apesar da concepção de que costurar seria responsável pela “sexualidade excessiva” (Perrot, 2005, p. 162) das mulheres, as empresas têxteis passaram a contratar um grande número de funcionárias. Salários menores e políticas naturalizantes, que cobravam o papel maternal da mulher, cuja

beleza não poderia ser calejada pelo trabalho industrial, resultaram, em pouco tempo, em poucas mulheres trabalhando. Restavam, praticamente, apenas as moças nas empresas, já que as esposas não pertenciam a si mesmas, mas aos maridos e aos filhos, e, portanto, deveriam obedecer à ordem social vigente. Portanto, somente após a derrota da França na guerra franco-prussiana, em 1871, e com a confirmação da esperança republicana, por volta de 1880, as mulheres puderam se sentir cidadãs e sonhar com instituições voltadas às suas necessidades (Arruda, 2006; Perrot, 2005). As mulheres, então, passaram a ter uma pequena representação na política e formaram o primeiro sindicato, em 1887, ganhando espaço no mundo masculino do trabalho. A operária ganhava menos do que o homem e perdeu sua sensualidade e sua feminilidade para a indústria. Perrot (2005) afirma que, naquele momento histórico, surgiu a possibilidade de educação profissionalizante como alternativa para o trabalho nas indústrias, o que convenceu as mulheres, lhes proporcionando um senso de utilidade. Ao mesmo tempo as donas de casa dedicadas, então, se tornaram educadoras do lar, esclarecidas e adaptadas às suas funções “naturais” de mulheres, esposas e mães e mantenedoras da ordem e dos valores familiares e sociais.

Quanto à gênese da necessidade de civilizar a mulher, que tanta ameaça provoca, sua presença na história se tornou uma narrativa talhada por normas, tais como a de que seu corpo era propriedade do senhor, do príncipe, do marido ou dos filhos. Tão logo sua luta por igualdade foi se fortalecendo, escolas foram criadas para seu desenvolvimento, buscando ofuscar as armadilhas de um corpo profano e guiando a dona de casa por um caminho que reforçava a ordem vigente. Assim, fazer caridade permitiu à mulher sair de casa e suas ervas e emplastos lhe permitiram alternativa além do olhar normatizante do médico: poderiam olhar o

mundo com outros olhos e falar de si mesmas a partir de perspectivas particulares. Com o crescimento das cidades e a sobra de tempo da dona de casa, mercados e lavadouros passaram a ser considerados espaços das mulheres e pontos de encontro para troca, além de ensaios da organização feminista, que permitiriam as primeiras greves, mas que logo foram fechados e silenciados pela mecanização e crescente urbanização da vida diária. Delineou-se, assim, uma forma de luta feminista, mas os resultados se apresentaram muito diferentes daquele que a mulher urbana e industrial almejava:

no final do século XIX, as operárias recebiam a metade do salário dos operários. Chegavam a trabalhar 17 horas por dia nas indústrias de fiação e tecelagem. A revolta contra a exploração explodiu no dia 8 de março de 1857. As empregadas das indústrias têxteis americanas cruzaram os braços, exigindo redução da jornada de trabalho para dez horas e salários iguais. Foram queimadas vivas. O dia 8 de março entrou para a história como o Dia Internacional da Mulher (Oliveira, 1997, p. 41).

Secretariado e trabalho em lojas passaram, então, a ser os novos caminhos das mulheres para se manterem no espaço público. A possibilidade de haver profissões para as mulheres, mesmo organizadas sob uma relação desigual entre homens e mulheres, permitiu vislumbrar modificações no seu papel social. Porém, ainda comemorando a conquista do direito ao voto, surgiu a Segunda Guerra, modificando, mais uma vez, as relações de gênero. Viver ao lado da morte permitiu que surgissem relações baseadas na busca subjetiva de amor, para além dos laços materiais. Mas a guerra, também, impôs sua força conservadora e ditadora de inúmeras regras do que era aceito ou não: novas organizações familiares, diante da pressão de lidar constantemente com morte, fizeram do encontro amoroso algo mais

urgente, ao mesmo tempo em que uma intensa medicalização e normatização da sexualidade seguiram tais acontecimentos – a mulher, então, passou a ser responsável pela manutenção da higiene sexual das crianças. As pressões das obrigações conjugais e maternas eram crescentes e acabaram por levar a surtos históricos cada vez mais frequentes (Foucault, 1979, Perrot, 2005).

Diante deste contexto, mesmo em face das semelhanças de valores e de comportamentos das feministas brasileiras e europeias, nossas lutas foram, aqui, mescladas com a influência do movimento negro, o que permite entender o feminismo nacional como um movimento político questionador de estruturas de opressão e de exploração. Portanto, no Brasil, especificamente, o processo de negar o ideal patriarcal, que centralizava o poder familiar no pai, propôs transformações sociais embasadas na necessidade de resgatar a história da mulher brasileira – a identidade da mulher das classes populares e da mulher negra dos quilombos. Assim, discutia o fato de a mulher branca ser oprimida por regras impostas pelos pais e maridos e destacava a importância de reconhecer a opressão de classe das mulheres da área rural e das mulheres negras, que constituíam força de trabalho, mas eram desrespeitadas, mesmo após a abolição da escravidão. Foi apenas no fim do século XVIII que a mulher brasileira pôde começar a questionar seu papel. A libertação das colônias, devido à necessidade de mercados consumidores, permitiu o surgimento de novos ideais e, no Brasil, também, o sonho da República povoou o desejo de libertação. Entretanto a abolição não trouxe a liberdade sonhada, pois as mulheres negras continuavam com os piores trabalhos e sendo mal remuneradas, enquanto as operárias ainda lutavam com a dupla e longa jornada de trabalho, a vida doméstica e os baixos salários. A mulher era, então, mão de obra de reserva e permanecia fora dos grupos detentores do poder de decisão nos sindicatos (Teles,

1999). No século XIX, surgiram jornais editados por mulheres que tentavam discutir a independência familiar e o divórcio, mas estavam ainda muito enraizados nos valores da sociedade patriarcal e, assim, muitas vezes, pouco fugiam aos padrões estabelecidos.

O golpe militar de 1964 submeteu o Brasil a uma ditadura militar que durou até 1985, quando, indiretamente, foi eleito o primeiro presidente civil desde 1964. A repressão resultante do Ato Institucional número 5, emitido pelo regime militar brasileiro em dezembro de 1968 e que durou até dezembro de 1978, fez com que toda forma de expressão fosse silenciada: muitas militantes foram torturadas e humilhadas, e, devido a tal realidade opressiva, muitas delas, mesmo na guerrilha, receberam tarefas consideradas “femininas”. Algumas foram incorporadas às forças contra a repressão, mas poucas puderam participar da luta armada, geralmente servindo de par dos comandantes ou apenas levantando informações. Outras foram incorporadas às forças repressoras, mas eram afastadas dos interrogatórios, pois não se acreditava que seriam violentas até as últimas consequências. Em 1975, em meio à ditadura militar no Brasil, a Organização das Nações Unidas (ONU) declarou o Ano Internacional das Mulheres. Grupos feministas brasileiros defendiam ideais socialistas e democráticos, enquanto outros faziam reivindicações referentes ao custo de vida, buscando melhores salários e defendendo a criação de creches e escolas (Teles, 1999). Portanto, no mesmo momento em que se vivia uma repressão política e cultural no país, era possível perceber a emergência de um movimento feminista expressivo, que questionava a opressão machista, bem como os modelos aceitos de expressão da sexualidade feminina. O “milagre econômico”, processo de modernização acelerado pela ditadura militar, trouxe desequilíbrio à estrutura familiar nuclear, pois permitiu que as mulheres entrassem decisivamente no

mercado de trabalho e exigissem seus direitos à cidadania (Rago, 2003). Temas como sexualidade, aborto, lesbianismo e violência sexual e doméstica ainda não eram amplamente discutidos pelos grupos feministas ativos. Era comum as mulheres falarem de brutalidade, mas seu silêncio calava a violência doméstica e sexual. Para muitas, o estupro não era considerado um crime sofrido por mulheres “direitas” e a força do poder patriarcal mantinha a continuidade de tais atos por conta da impunidade. Foi com o slogan “o silêncio é cúmplice da violência”, no final da década de 1980, que a violência doméstica passou a ser encarada e as mulheres brasileiras começaram a lutar pela liberdade de ter prazer e pelo direito à orientação sexual (Teles, 1999; Therborn, 2006). Neste sentido, o movimento feminista propagava “a idéia de que o prazer será mais pleno para ambos se a mulher chegar à tal liberação, podendo vivenciá-lo intensamente” (Teles, 1999, p. 147) e questionava os padrões dominantes de masculinidade e de feminilidade (Rago, 2003). Assim, mesmo com a oposição da Igreja, elas passaram a reivindicar o direito ao planejamento familiar, podendo optar por não ter filhos e ter prazer sexual.

O desenvolvimento industrial que seguiu gerou problemas econômicos e fez crescer centros urbanos e periferias. Os movimentos feministas, a partir de então, focaram sua busca em melhorar as condições de vida. Ainda neste contexto, durante as décadas de 1970 e 1980, programas de TV e revistas femininas ainda apontavam para fortes influências dos valores tradicionais, pois misturavam discussões sobre sexualidade, divórcio e problemas da nova família brasileira com receitas e restrições às mulheres infiéis. As mulheres deveriam conciliar as necessidades da família, de agarrar e, de manter o marido, com o desejo de trabalhar. Portanto, as feministas brasileiras, questionando as relações de poder tradicionalmente estabelecidas entre os gêneros, mesmo dentro dos grupos políticos

de esquerda, fundaram dois importantes jornais feministas: o Brasil Mulher, do grupo homônimo de Londrina, que circulou entre 1975 -1980 e o Nós, Mulheres, da Associação de Mulheres de São Paulo, publicado entre 1976 e 1978, ambos voltados à luta entre as classes sociais. Na segunda metade da década de 1970 e no início de 1980, surgiram grupos feministas que buscavam orientar as mulheres para se tornarem agentes políticos e suas lutas para além do que vinha sendo discutido na política predominantemente masculina relativa ao corpo, ao desejo, à sexualidade e à saúde. Desta experiência, surgiram inúmeras associações feministas no País, como o Centro Brasileiro da Mulher, no Rio de Janeiro; a Associação de Mulheres, de São Paulo, futuramente denominada “Sexualidade e Política”; o Coletivo Feminista do Rio de Janeiro; o Coletivo Feminista, de Campinas; o SOS Violência, de São Paulo; o SOS Campinas; o SOS Corpo, do Recife; o Maria Mulher, em João Pessoa; o Brasília Mulher; o Brasil Mulher; o Grupo “Sexo Finalmente Explícito”; e o Centro de Informação da Mulher – CIM, de São Paulo. Além disso, em 1982, foi criado o Conselho Estadual da Condição Feminina, em São Paulo, e em 1985, surgiu a primeira Delegacia Especializada da Mulher (Rago, 2003).

Atualmente, quando Gurgel (2007) trata do feminismo como movimento de transformação social, se refere às mudanças estruturais e simbólicas conquistadas pelas mulheres, pois se situam no campo da autonomia, da liberdade e da igualdade. Destaca, assim, a necessidade de ampliar a pequena participação e representação política das mulheres, de buscar a legalização do aborto e de lutar por políticas sociais distributivas igualitárias. O feminismo discutido na contemporaneidade não propõe uma inversão do machismo, ou seja, não é uma tentativa de sobrepô-lo. Rago (2003) afirma que

para além da desconstrução de configurações ideológicas, conceituais, políticas, sociais e sexuais que organizam nosso mundo, os feminismos deram visibilidade às formas perversas da exclusão que operam no mundo público. Ao mesmo tempo, propuseram formas alternativas de organização social e sexual fundamentais para a construção de relações mais igualitárias... (p. 18).

Hoje, trata-se de um movimento de retomada da autonomia da mulher e de conquista de espaços sociopolíticos, criando ideais e ações que transformem o poder patriarcal. O pós-estruturalismo e o feminismo contemporâneo, movimentos surgido no fim do século XX, compartilham a crítica às tradições políticas e filosóficas estabelecidas (Scott, 2000). De acordo com Scott, a teoria pós-estruturalista permite ao feminismo romper o esquema conceitual das velhas tradições hierárquicas, que compreendem o mundo em termos de universos masculinos diferentes de universos femininos. A sua intenção não é, simplesmente, reverter a relação de hierarquia masculino-feminina, mas fazer uma “reflexão sobre as estratégias políticas feministas atuais e futuras, já que sugere que gênero tem que ser redefinido em conjunção com uma visão de igualdade política e social, incluindo além do sexo, classe e raça” (Scott, 1994, p. 17). Os movimentos feministas passados, por vezes, focaram as vivências femininas objetivas em relação ao mercado de trabalho e seu papel social, percebendo, depois, que era necessário discutir e construir significados e representações que não colocassem a mulher, simplesmente, no papel de vítima de um opressor masculino (Badinter, 2005). Para Badinter, o feminismo vitimista reforça um “estereótipo social, ligado à idealização das mulheres, que alimenta a idéia de que só os homens são capazes de cometer tais atos” (p. 81) de dominação e de violência, e esquece que a

masculinidade e a feminilidade são múltiplas e, assim, também o potencial para atos violentos e para conquistas pacíficas está presente em ambos. Agora, a luta das mulheres busca suspender os juízos morais sobre a sua sexualidade e libertá-las, mas, com o cuidado para não cair na banalização da sexualidade, que apenas foca a “obrigação” de gozar: “o que está em jogo na batalha travada atualmente é fundamental: trata-se de nada menos do que a redefinição das relações entre homens e mulheres e de suas liberdades recíprocas” (p. 102). Os homens, obcecados com o seu desempenho, e as mulheres, com sua aparência, apontam para múltiplas possibilidades de relações de gênero. À expectativa das mulheres quanto ao bom desempenho de seus papéis sociais de esposas e mães, agrega-se a expectativa de serem boas profissionais. De acordo com Bandeira e Siqueira et al (2003),

a sobrecarga do social gerada pela nova situação reforça as dificuldades de auto-construção da identidade feminina (...). Em lugar de suporte há ambiguidade social com relação ao que seriam as novas mulheres e a sua nova identidade: em lugar de criação de serviços para as mulheres que se ausentam de casa, há a cobrança de novas atribuições e novas expectativas são expressas (p. 4).

Tais expectativas têm gerado angústias, vivenciadas no cotidiano:

A pressa substitui a sutileza. A sedução ancorada no arrumar-se, se adornar, se perfumar, tende a se reduzir a “boa apresentação”. A casa vai se tornando mais obrigação do que um “ninho”. Os filhos, nem propriamente prazer, nem naturalidade, mas, sobretudo, obrigação e culpa (p. 8).

É diante dos limites sociais de tempo e espaço que as mulheres vêm galgando conquistas e buscando equilíbrio no espaço privado. Assim, as mudanças acarretadas pela revolução sexual, vivenciada neste longo percurso histórico, e as angústias geradas durante o mesmo período de transformações, especialmente no último terço do século XX, serão discutidas no próximo capítulo.

2. SANTIDADE OU PERDIÇÃO: OS DIVERSOS PAPÉIS AFETIVO-SEXUAIS DA MULHER NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA.

*Amor é cristão
Sexo é pagão
Amor é latifúndio
Sexo é invasão
Amor é divino
Sexo é animal
Amor é bossa nova
Sexo é carnaval
Arnaldo Jabor/Rita Lee*

A sexualidade foi, por muito tempo, um segredo que precisava ser guardado. Para Foucault (1979), a vida social moderna estava profundamente vinculada ao crescimento do poder disciplinador, pois produzia corpos regulados, que resistiam aos impulsos do desejo. Havia, em tal momento histórico, um controle social, exercido por médicos e educadores que realizaram campanhas educativas, não com o objetivo de eliminar a sexualidade, mas de organizá-la em classificações de conduta que ditavam os comportamentos aceitos como modelos sociais e aqueles que deveriam ser reprimidos, pois representavam desvios do padrão (masturbação, homossexualidade, entre outros). Foi diante das revoluções sexuais ocorridas nas décadas de 1960 e 1970, decorrentes do movimento feminista e das transformações históricas geradas por ele, que diversas manifestações sexuais passaram a ser aceitas e deixaram de ser caracterizadas como doenças ou como “desvios” (Foucault, 1979; Giddens, 1993). As subjetividades feminina e masculina foram, assim, afetadas e, aos poucos geraram transformações na vida pessoal de homens e mulheres e em suas condutas sexuais. De acordo com Le Rider (1993), durante a modernidade, período que segue a Idade Média e termina com a Revolução

Industrial (abrangendo dos séculos XVI a XVIII), foram questionadas tais identidades culturais de homens e mulheres, assim como suas identidades subjetivas de indivíduos singulares. Ou seja, na modernidade, com sua proposta de questionamento dos fundamentos, dos valores e das normas tradicionais, o que era considerado “natural” para a compreensão dos gêneros perdeu a sua natureza indiscutível. Assim, a modernidade, questionando a identidade coletiva e subjetiva, afirmou que os modos de vida, de pensamento e até mesmo de criação tradicionais atingiram seu limite e geraram mudanças tanto no modo de vida da população quanto no pensamento singular dos cidadãos. Para Le Rider, é possível afirmar que tais mudanças tenham possibilitado um maior investimento nos ideais feministas e uma retomada dos valores humanos.

Para Giddens (1993), “a sexualidade é uma elaboração social que opera dentro dos campos do poder, e não simplesmente um conjunto de estímulos biológicos que encontram ou não uma liberação direta” (p. 33). Apoiado nos estudos de Foucault (1979), afirma que a sexualidade, como elaboração social, não pode ser considerada um fenômeno sempre existente na história da humanidade. Para Foucault, a sexualidade passou a ser nomeada a partir da diferenciação entre o sexo relacionado à satisfação do prazer e o sexo relacionado às exigências da reprodução. Neste sentido, Giddens (1993) afirma que “o prazer erótico se transforma em ‘sexualidade’ à medida que a sua investigação produz textos, manuais e estudos que distinguem a ‘sexualidade normal’ de seus domínios patológicos” (p. 30). Logo, a construção da sexualidade deve ser percebida em consonância com o grupo social representante do período histórico analisado, uma vez que tende a vir daí a sua formação e a imposição de regras que geram os

modelos de comportamento, os costumes, as leis, as práticas e os rituais diversos adotados.

Sardenberg (2004) acrescenta que o termo *gênero* descreve um fenômeno resultante de construções sociais que apontam para as diferenças entre homens e mulheres e entre as identidades sexuais masculinas e femininas, produzidas na ordem social ou cultural. Percepções sociais diferentes, por sua vez, estão fundadas, para Bourdieu (1999), em esquemas classificatórios que opõem os gêneros masculino e feminino, sendo tal oposição homóloga e relacionada a outras: forte e fraco; grande e pequeno; acima e abaixo; dominante e dominado. A noção de identidade sexual está, então, relacionada à orientação sexual subjetiva que o sujeito assume na rede de significações culturais e ao sentimento de pertencimento a um determinado grupo social de referência. Contudo, no século XX, principalmente nas suas últimas décadas, inúmeras mudanças vieram perturbar a suposta simplicidade da compreensão das concepções de sexualidade e de gênero, como, por exemplo, a entrada da mulher no mercado de trabalho, as novas tecnologias reprodutivas, o movimento feminista, os movimentos homossexuais, as novas estruturas familiares etc. Diante deste contexto, agora mais complexo, tratar de gênero e de identidade sexual significa discutir as transformações sociais na medida em que se considera homens e mulheres como construções históricas. Da mesma forma, reconhecer as identidades sexuais masculinas e femininas, é reconhecê-las como parte de tal construção. Portanto, quando buscamos compreender a sexualidade na contemporaneidade, é necessário adotar um discurso de desconstrução e de desnaturalização da sexualidade repressiva construída através dos séculos XVIII e XIX a partir de diversas concepções de família. A família, como é concebida hoje, é um fenômeno recente, surgida no início da era moderna, a partir

da necessidade da construção do mundo privado, ou seja, como forma de garantir uma nova ordem social, privada e mantenedora do acúmulo de bens. Assim, é necessário reconhecer que a família moderna, nascida em meio à burguesia europeia, por volta de 1750, vem sofrendo profundas transformações referentes à distribuição do poder e dos privilégios entre os seus membros. Tal modelo de família surgiu em contraste com a família feudal, de antes do século XVIII, e, também, com as famílias aristocráticas e camponesas (séculos XVI e XVII), pois, na primeira, a relação era hierárquica e sugeria o acúmulo de bens, mas não havia privacidade nos castelos; nas demais famílias, os laços de dependência com a aldeia afastavam-nas, ainda mais, da privacidade e da hierarquia, pois consideravam a aldeia como poder social central (Poster, 1979). A Revolução Industrial gerou mudanças no cenário familiar, pois grande parte da burguesia perdeu propriedades e passou a se tornar mão de obra qualificada e assalariada, assemelhando-se, assim, à classe trabalhadora. Porém, sua postura foi de resistência à ideia de que o pai, por já não possuir capital, não mais constituiria uma autoridade, enquanto os jovens se tornavam independentes mais cedo e a mulher conquistava o direito ao trabalho remunerado, fora do lar. As tentativas da família burguesa de impor modificações no seu estilo de vida geraram exagero nas questões de higiene e no controle da sexualidade infantil, bem como na ideia de papéis de gênero marcadamente diferenciados (mulher no lar e homem na rua). Na família burguesa, nasceram novas formas de opressão das crianças e das mulheres:

as diferenças sexuais convertem-se em profundas diferenças de personalidade. A masculinidade é definida como a capacidade para sublimar, para ser agressivo, racional e ativo; a feminilidade é definida como a capacidade para expressar emoções, para ser fraca, irracional e passiva (p. 196).

A delimitação das identidades sexuais faz parte, portanto, de um amplo processo histórico e cultural de normatização da sexualidade. Compreendo que tratar das relações de gênero e das identidades sexuais como categorizações da ordem social é de fundamental importância, pois não se referem a sujeitos abstratos, mas a homens e mulheres inseridos em determinados contextos repletos de significados culturais.

Assim, a família burguesa moderna se desenvolveu como uma mistura de elementos históricos. A burguesia, apostando na sua diferença em relação à promiscuidade do proletariado, se apoiou na moral da renúncia ao sexo. O amor e o casamento passaram, então, a ser considerados diferentes do mero exercício da sexualidade. O ato sexual, significando êxtase e paixão, não poderia ser representativo dos homens de bem e de suas esposas virtuosas, que, sendo capazes de gerar filhos, passaram a garantir o *status* desejado. Uma nova característica foi agregada e considerada natural às mulheres: a atenção embasada no amor maternal, encorajando o vínculo entre mães e filhos, a partir do qual elas passaram a ser consideradas responsáveis não apenas pela sobrevivência deles, mas pelo seu treinamento no sentido de lhes garantir a perfeição moral (Badinter, 2005). Ocorre o início à medicalização da sexualidade, com a intenção de dessexualizar as crianças, apresentando a proposta de higienizá-las, enquanto lhes ensinava que seu próprio corpo era repugnante. A família burguesa instaurou, assim, o repúdio ao corpo (Foucault, 1979; Giddens, 1993). Porém, durante a Segunda Guerra Mundial, alguns pilares deste modelo de família começaram a ser abalados. Em consequência dos dilaceramentos vividos neste período histórico, foram observadas baixas taxas de fecundidade e uma intensa movimentação

política, jurídica e cultural para permitir o divórcio, contribuindo para provocar a turbulência na noção de família nuclear, sustentada até então (Aran, 2003). As mulheres, durante muito tempo, seguiram o sistema ideológico imposto por seus senhores, pais e maridos; sua passividade, com a justificativa da necessidade de manutenção de sua segurança, permitiu que a sociedade patriarcal fosse dura em relação ao gênero feminino, castrando sua expressão e mantendo, assim, um sistema construído pelos homens. Para Badinter (1986), o controle da sexualidade feminina é característico do patriarcado, que “não designa apenas uma forma de família baseada no parentesco masculino e no poder paterno” (p. 95). O termo designa, também, toda estrutura social fundada e mantida pelo poder masculino; assim, o adultério feminino, por exemplo, continua sendo uma obsessão para muitos homens. A preocupação com a manutenção do dinheiro, do poder e da herança na unidade familiar era escamoteada por preocupações com a fidelidade, o que colocava a mulher numa posição de objeto que garantiria o *status* e a manutenção dos bens da família. Neste cenário, inaugurou-se o *padrão moral duplo* – em que homens e mulheres sofriam julgamentos diversos quanto à expressão de sua sexualidade – e foram impostos impedimentos à satisfação sexual da mulher. A infidelidade dos homens era justificada pela necessidade masculina de variedade sexual, pois teria importância para sua saúde física, enquanto que a mulher deveria ter sua sexualidade silenciada e restrita aos desejos do marido. O adultério de uma esposa devia sofrer punições por ser imperdoável, enquanto o adultério de um marido era compreendido como uma fraqueza (Badinter, 1986; Foucault, 1979; Giddens, 1993; Hite, 1983). Claramente, o código de conduta para as mulheres incluía a virgindade antes do casamento: a reputação e a virtude de uma moça

dependiam da sua capacidade de resistir às tentações sexuais e, assim, era uma condição para vir a ser uma esposa modelo (Giddens, 1993).

No modelo familiar que se seguiu, a família contemporânea, a concepção da família nuclear burguesa não é mais norma, pois há uma extrema mobilidade nas configurações familiares, o que aponta para a expressão de novas formas de convívio: as famílias monoparentais, que se compõem de um pai ou de uma mãe e seus filho(s); as famílias recompostas por um segundo casamento; e as famílias homossexuais, entre outras. Therborn (2006) sugere que a discussão acerca da família contemporânea – individualista e fruto do foco socioeconômico no capitalismo e no neoliberalismo – não pode negligenciar a revolução sexual dos anos 1960 e 1970, pois a possibilidade de decisão sobre o próprio corpo e o acesso a uma sexualidade não reprodutiva foram conquistas para as relações amorosas de homens e mulheres, que não mais, necessariamente, precisavam estar norteadas pelo que, no século anterior, se afirmou ser a sua 'natureza' intrínseca. Assim, o deslocamento da maternidade, provocado pela possibilidade concreta de diferenciar a sexualidade da reprodução, junto com o advento da pílula contraceptiva, no início da década de 1960, permitiu que as mulheres exercessem a escolha de terem ou não filhos e lhes devolveu o poder sobre o próprio corpo. Além disto, a ruptura das fronteiras entre o homem do espaço público e a mulher do mundo privado propiciou um deslocamento na forma de pensar a diferença entre os gêneros e de vivenciar a sexualidade na contemporaneidade. O efeito social provocado pelas lutas feministas por direitos iguais e um maior espaço social para a mulher gerou uma crise entre as novas referências da sociedade atual e a estrutura patriarcal tradicional. A crise da família nuclear burguesa, monogâmica e heterossexual, a entrada da mulher no mercado de trabalho, a separação da sexualidade da reprodução e o surgimento de

uma política de visibilidade da homossexualidade (Aran, 2003) são fenômenos centrais nas novas configurações da sexualidade e do amor na atualidade. Porém, Badinter (2005) sugere que a autonomia financeira das mulheres não resolveu os problemas levantados pelas lutas feministas. Para ela, persistem outras formas de dependência, mais sutis, que precisam ser esclarecidas, e considera que a dependência sexual-afetiva ou psicológica constitui uma prisão que, não apenas mantém as mulheres longe da liberdade reivindicada desde o início do movimento feminista, como termina por enfraquecer aquelas mulheres que adotam uma postura mais liberal:

as chamadas liberadas, aquelas que davam tanta importância a uma boa transa como quanto a uma boa refeição, tornam-se exceções à regra. Eram tidas como mulheres virilizadas e, portanto, alienadas, e as mais infelizes dentre elas eram, incontestavelmente, as prostitutas que ousavam dizer-se livres (p. 100).

Assim, a revolução sexual feminista parece, ainda, não ter dado às mulheres o direito real de explorar a sua sexualidade. De acordo com Hite (1983), tal revolução propiciou uma diminuição da ênfase na monogamia e a possibilidade de fazer sexo sem casamento, dissociando a idéia de sexo e de reprodução. Protestos reivindicando o direito ao prazer sexual e fazendo apelo à sexualidade livre foram combatidos pela Igreja. A tentativa de frear tais intenções encontrou resistência nos meios de comunicação, que insistiam em tratar de prazeres físicos e de afetividade, vendendo a idéia de que o prazer seria mais pleno para o casal se a mulher chegasse a tal liberação, podendo, então, o casal vivenciar o sexo intensamente (Teles, 1999). A pílula anticoncepcional foi o início de tal revolução de costumes, baseada no sexo livre e no questionamento do papel de mãe, imposto às mulheres.

O movimento dos homossexuais, o fim da condenação das suas práticas no Código Penal Brasileiro (em 1823, a sodomia deixou de ser considerada crime) e a retirada da homossexualidade do Código Internacional das Doenças (CID-10, 1992), deram força à luta contra os tabus e as repressões sexuais. A busca de trabalho fora de casa comprovou o desejo de autonomia e a importância do sucesso profissional para a mulher contemporânea, que estabelece, hoje, uma relação importante com o trabalho. Independentemente do sucesso na vida familiar, o trabalho assumiu valor de exigência individual, pois faz parte da identidade da mulher de hoje (Oliveira, 1997; Lipovetsky, 2000; Aran, 2003).

Hite (1983) considera que tal abertura de possibilidades na vivência da sexualidade ainda não foi capaz de vencer o duplo padrão moral entre os gêneros, pois "as mulheres que tentam ser abertas e ser como os homens, fazendo sexo de maneira nova, livre, se dão mal na maioria dos casos, sendo desrespeitadas e até feridas" (p. 353). Para Giddens (1993), tal sexualidade livre da necessidade de reprodução, denominada por ele de *sexualidade plástica*, impõe aos relacionamentos contemporâneos a necessidade de redefinição das suas concepções de compromisso e de intimidade. Afirma a importância de uma negociação dos significados atribuídos aos relacionamentos e à vivência da sexualidade, agora, buscando sentidos condizentes com as representações culturais contemporâneas, que apoiam uma nova moral mais permissiva à vivência da sexualidade. No entanto, algumas feministas sugerem que tal "libertação" das mulheres tem provocado uma banalização da sexualidade (Badinter, 2005; Hite, 1983), pois a idéia de que o sexo é necessário à saúde se tornou um negócio e os meios de comunicação têm usado o sexo ou a imagem do casal feliz para vender produtos, psiquiatras, conselheiros, clínicas sexuais e filmes. A preocupação com

um modelo de corpo perfeito tem atrapalhado a vida sexual de mulheres e de homens, gerando desencontros, frustrações e insatisfações: os homens se tornaram obcecados com o seu desempenho e as mulheres com sua aparência. Tais obsessões, presentes nas vivências contemporâneas da sexualidade, limitam a sua aclamada liberdade. Badinter (2005) sugere que esta nova liberação pode ser considerada uma luta pela extinção dos tabus, mas pode, ao mesmo tempo, reduzir a sexualidade à sensação física. Assim, mesmo em meio à banalização no apelo à redefinição das relações entre homens e mulheres e de suas liberdades recíprocas, as relações sexuais não definem mais um direito de propriedade; sonhar ter filhos não é mais o único sonho possível; o patriarcado parece estar moribundo como forma única de estruturação familiar, embora algumas instituições sociais ainda se baseiem numa estrutura hierárquica e patriarcal; e a sexualidade monogâmica, junto à valorização da reprodução e da manutenção de poder, estão longe de serem ideais contemporâneos de relacionamento afetivo-sexual. Neste sentido,

a “sedução” perdeu grande parte do seu significado em uma sociedade em que as mulheres tornaram-se muito mais sexualmente “disponíveis” aos homens do que jamais o foram, embora – e isto é importante – apenas mais como uma igual. O que há para saborear, quando o outro não está apenas disponível, mas talvez esteja igualmente ansioso pela experiência sexual? A busca termina. O poder não é mais do sedutor (Giddens, 1993, p. 96).

Entretanto, alguns pensadores sociais sugerem que – ao contrário de uma total ruptura com os modelos antigos de homem, de mulher e de sexualidade masculina e feminina – vivemos, hoje, em um contexto de convivência entre papéis e modelos tradicionais e contemporâneos (Goldenberg, 2004). A busca pela definição dos

limites pessoais, tão aclamada na contemporaneidade, tem impossibilitado os relacionamentos, pois as mulheres, agindo como homens sedutores e experimentando a vida sexual sem a busca de relacionamentos convencionais, apontam para “uma procura frustrada por auto-identidade” (Giddens, 1993, p. 81) que apenas afirma a internalização de um modelo masculino de busca da variedade, pois atribui ao ato sexual o papel de preencher as necessidades de carinho e contato (Giddens, 1993; Goldenberg, 2004; Oliveira, 1997).

Diante de um contexto de confluência de diversos modelos e de expressão de novos papéis sexuais, Le Rider (1993) trata de uma sexualidade intermediária, na qual surge um homem feminino e uma mulher masculina. Para ele, ocorre, hoje, uma bissexualização da cultura que pode ampliar o entendimento entre homens e mulheres. Assim, as mulheres não teriam sua emancipação adquirida apenas por conta das lutas feministas, mas, também, como resultado de uma feminilização da cultura. Para Badinter (1986), “essa revolução, associada à confusão dos papéis sexuais tradicionais devido à vontade feminina de partilhar o poder econômico com os homens, põe um fim ao sistema patriarcal, que era considerado, ainda há pouco, como universal e eterno” (p. 176). Porém, os pontos de referência em que se apoiam as estruturas sociais parecem confusos: os papéis tradicionais parecem se perder antes de ser possível uma certeza de quais seriam os novos e os modelos contemporâneos de sexualidade e de relacionamento afetivo parecem abalados. A busca única por satisfação sexual descompromissada tem sido condenada. Homens e mulheres procuram diminuir os riscos de envolvimento para minimizar o sofrimento e a busca de intimidade tem sido trocada por uma sexualidade episódica, com ligações transitórias e de curto prazo: “as características defensivas da sexualidade episódica parecem bastante claras. Isto pode ser considerado como uma completa

fuga dos homens às relações que associam sexualidade, auto-identidade e intimidade” (Giddens, 1993, p. 161). Portanto, tal sexualidade plástica permite espaço para a exploração de possibilidades, mas não deixa de agregar caráter impessoal à sexualidade contemporânea e gerar conflitos nas relações a dois.

Os papéis femininos e masculinos da contemporaneidade já não podem ser sedimentados nos moldes rígidos das bases patriarcais tradicionais, mas, ao mesmo tempo, tal libertação não parece ter apontado para novos modelos claros a serem hoje, seguidos: “simultaneamente, queremos romper com a antiga civilização, ao mesmo tempo em que tememos a nova; enfim, sabemos o que não somos mais, sem perceber claramente o que queremos ser” (Badinter, 1986, p. 217). A dúvida que surge, então, é se o casamento deixou de ser encarado como a modalidade exclusiva de relacionamento. Aparentemente, na luta pelo amor, homens e mulheres têm buscado uma parceria para a vida inteira, porém o sonho de tal parceria, combinado com a exigência de usufruto da individualidade parecem apontar para relações afetivo-sexuais não fixas, nas quais o amor romântico passa a ser questionado, fenômeno que será discutido no próximo capítulo.

3. ATÉ QUE O INDIVIDUALISMO NOS SEPARE: UMA BREVE HISTÓRIA DO AMOR

*Bem que se quis,
depois de tudo,
ainda ser feliz,
mas já não há caminhos pra voltar.
E o que é que a vida fez da nossa vida? O
que é que a gente não faz por amor?*
Marisa Monte

As raízes das concepções sobre o amor remontam aos povos das cavernas, na pré-História, aproximadamente, em 1.600.000 a.C., que pareciam retratar, em suas pinturas rupestres, que o amor é um recurso evolutivo, tendo a finalidade de garantir a sobrevivência e a preservação da espécie. Badinter (1986), neste sentido, considera que:

a permanente receptividade sexual da fêmea e a copulação frontal inauguravam uma das mais fundamentais trocas da raça humana: o amor. Os atrativos das fêmeas permitiram que elas sobrevivessem, selando laços econômicos com os machos. Eles aprenderam a repartir suas tarefas, a trocar carne e vegetais. A atividade sexual unira-os, e a dependência econômica reforçava esses laços (p. 30).

Assim, neste período, o homem procurava disseminar o seu material genético e a mulher escolhia aquele que permitiria uma boa descendência. Porém, o termo “amor” tem, etimologicamente, descendência de termos greco-romanos: ‘a’ - sem, e, ‘mors’ - morte. O amor significaria, então, um sentimento que transcende a morte. Foi, no entanto, somente com Platão (427-347 a.C.), que surgiu a primeira obra filosófica sobre o amor: "O Banquete", um diálogo entre Amor e Eros; e, com

Aristóteles (384-322 a.C.), surgiu o amor que não era tratado do ponto de vista erótico, mas como *philia*, o amor de amizade. Durante a Idade Média, Santo Agostinho (354-430 d.C.), São Boaventura (1218-1274 d.C.) e São Tomás de Aquino (1225-1274 d.C.) contribuíram para o esclarecimento da concepção cristã de amor. Santo Agostinho acreditava que o amor verdadeiro era o de Deus e para Deus. São Boaventura afirmava que "a medida do amor é o amor mesmo". São Tomás, discutia o prazer erótico, decorrente da paixão, condenando-o como pecado. A paixão, ou, ainda, o amor-paixão, origina-se, etimologicamente, de 'pathos', substantivo a partir do verbo grego 'páskhein', que indica sofrer ou suportar. Neste sentido, a paixão pode ser concebida como aquilo de que a alma sofre, pois, no amor-paixão, somos possuídos por um sentimento que pode ser destrutivo e sobre o qual não temos qualquer controle (Badinter, 1986; Almeida, 2008).

Neste contexto, na Idade Média, o casamento favoreceu o sistema social feudal de manutenção de riquezas. Amar era impróprio, já que o objetivo era, meramente, a manutenção da estrutura e da estabilidade sociais (Lins, 1997; Rougemont, 2003). Assim, a paixão amorosa, como sentimento venenoso e involuntário, da ordem do impossível diante do contexto de relações voltadas à manutenção social, nasceu da poesia lírica do século XII. A amada, a dama comprometida, e os cavaleiros, ou os vassallos, reforçavam a agonia do sentimento com metáforas de um amor ligado ao sofrimento e à morte. Segundo Costa (1998), o amor sublime era um amor de renúncia e de devoção – a idealização do ser amado predominava até mesmo perante a impossibilidade de contato físico ou sexual com ele. Referindo-se a tal tendência histórica de tratar do amor como algo que fere, Rougemont (2003) comenta:

amor e morte, amor mortal: se isso não é toda a poesia, é, ao menos, tudo que há de popular, tudo que há de universalmente emotivo em nossas literaturas; em nossas mais antigas lendas e em nossas mais belas canções. O amor feliz não tem história. Só existem romances do amor mortal, ou seja, do amor ameaçado e condenado pela própria vida. O que o lirismo ocidental exalta não é o prazer dos sentidos nem a paz fecunda do par amoroso (p. 24).

Assim, muito mais sob a forma de uma paixão-sofrimento do que de um amor possível, surgiram as primeiras trovas de um amor infeliz: expressões de que a paixão levava à destruição daqueles que se entregavam a ela, não respeitando os limites impostos pela razão. Portanto, do amor sublime, associado ao amor cortês – contrário aos costumes feudais do século XII no qual o casamento era um negócio – nasceu, ainda no mesmo século, o amor romântico, o amor pelo próprio ato de amar, ou seja, não se amava o outro, mas o amor mesmo. Possuir o objeto do amor não era o objetivo dos apaixonados; por outro lado, sofrer (ou até mesmo morrer) por amor era fundamental (Lins, 1997). Rougemont (2003), discutindo a fatalidade do amor romântico, afirma que ele surgiu sob a insígnia da impossibilidade. A luta dos amantes não era se satisfazer, mas se alimentar do mistério. O pensador, afirma, então, que tal qualidade do amor romântico “precisava mais da ausência do que da presença do outro” (p. 58).

Tal amor, quase um exemplo de fé, pois levava à idealização da mulher, perturbava a Igreja. O amor cortês foi convertido em desejo sexual, e, então, no início do século XII, a única dama que poderia ser cultuada era a Virgem Nossa Senhora (Rougemont, 2003). Mesmo assim, a insistência de alcançar o amor no casamento, ameaçava a ordem social de uma união voltada à reprodução e à manutenção de riquezas. Ou seja, o amor cortês, que, até então, era uma expressão

contrária, mas aceitável, dos costumes sociais dominantes, paulatinamente, por meio da exaltação do amor romântico, passou a incitar idéias de que amor e casamento não eram opostos. Homens e mulheres, infelizes, buscavam fora de casa sua plenitude e, mesmo contra o que pregava a Igreja, modificavam os valores vigentes. Adultérios e interrupções de gravidez passaram a acontecer com frequência, expressando um meio cultural que começava a sonhar com a paixão plena e com o arrebatamento amoroso.

O amor romântico, assim, não implicava em apenas amar alguém, mas em estar apaixonado e acreditar ter encontrado o verdadeiro sentido da vida, revelado num outro ser humano (Araújo, 2002; Rougemont, 2003). Tal paixão, incompatível com as origens e os objetivos de um casamento arranjado, garantia de segurança social e de manutenção de riquezas, exigia que o objeto amado alimentasse, continuamente, a sensação de emoção intensa e que esta paixão revelasse algo de enriquecedor sobre aquele que ama e sobre a vida. Segundo Costa (1998), foi Rousseau quem deu ao amor lugar central no casamento, passando a reunir ideais de amor antes dispersos. Portanto, os sujeitos de um amor profundo e leal (cortês) passaram a viver um amor que visava a um bem maior (platônico) e, também, a uma felicidade amorosa (amor apaixonado). Assim, era a plenitude que tal sujeito amava e era a transformação da sua vida o que ele esperava. Quanto a tal desejo de plenitude e de satisfação Rougemont (2003) discute que:

não há ninguém no mundo que me possa satisfazer plenamente: tão logo me satisfizesse, eu próprio mudaria! Escolher uma mulher como esposa é dizer à senhorita: 'Quero viver com você assim como você é.' O que na verdade quer dizer: é você que estou escolhendo para compartilhar minha vida, e essa é a única prova de meu amor (p. 408).

O amor romântico, então, fincado na idealização da sua imagem, em vez de pautado na realidade, tratava de uma pessoa amada que não era percebida com clareza, mas que, aos poucos, deixava de ser amada pelo quê inspirava no outro, passando a ser determinada a partir da beleza e do padrão que exaltava. Para Rougemont, tal união corria o risco de não durar, pois, quando o objeto amado, determinado pelo padrão de beleza, é possuído, o amante, realizado, não perceberia mais obstáculos e os atrativos à paixão se esvairiam; assim o amor romântico não venceria o obstáculo do tempo. Ao mesmo passo que, o amor carnal e proibido permaneceu vivo no final da Idade Média e, até mesmo, durante a Idade Moderna, mas continuou a ser entendido como pouco interessante para a economia. Portanto, mesmo com o crescente consentimento dos casais e sendo, cada vez mais, decisivo para a realização da união, o amor ainda não era considerado muito importante para o casamento. Foram as grandes navegações, na Idade Moderna, com o acúmulo de riquezas e a expansão dos referenciais culturais, que geraram e que promoveram uma nobreza mais liberal com seus filhos, permitindo o casamento por amor daqueles que não seguissem a carreira eclesiástica (Almeida, 2008). Mas, ainda havia entraves à felicidade dos amantes modernos: a nudez completa, apenas passou a ser consentida a partir do início do século XX e os casamentos ainda obedeciam à forte tradição étnica.

Para Foucault (1979; 1998), Giddens (1993) e Costa (1998), foi a família burguesa que possibilitou unir, ao contrato do casamento, a realização pessoal e a satisfação emocional e sexual. A partir dela, as famílias ensaiaram casamentos por escolha dos próprios parceiros e por afinidades emocionais e amorosas. Assim, na virada do século XVIII para o século XIX, as mulheres passaram a ter direito à educação, assumindo profissões e reivindicando salários. Assumiram o sonho de

serem independentes, podendo escolher ficar solteiras ou casar, ter menos filhos, participar da vida pública, não se submeter aos maridos, ter direito ao divórcio e ao voto. O amor romântico, diante de tais mudanças, transformou-se em crença, que, até hoje, permeia nosso imaginário (Araújo, 2002; Lins, 1997). A emergência de novas formas de relações entre os gêneros, herança, principalmente, dos anos 1960 e 1970, fez com que homens e mulheres vivenciassem uma desorientação por conta das oscilações entre o modelo tradicional (modelo nuclear conjugal) e o modelo moderno (modelo de amor romântico) (Badinter, 1986; Goldenberg, 2004).

elementos novos, liberdade e individualidade, associados aos tradicionais, geram paradoxos e contradições existentes no modelo ideal descrito. Ao contrário de uma total ruptura com antigos modelos de “ser homem”, “ser mulher” e de casamento, o que se vive hoje, ainda é um processo de convivência, muitas vezes conflituosa, entre comportamentos e valores tradicionais e aqueles considerados modernos (Badinter, 1986, p. 86).

De acordo com Badinter (1986) e Le Rider (1993), na modernidade, o processo de individuação rompeu os laços inter-humanos, levando ao egocentrismo. O indivíduo moderno, buscando proteger sua intimidade, focou-a no espaço privado para se defender da intromissão social e poder se perceber como um "si mesmo". Porém, mesmo diante de um exagerado foco no espaço privado, que parecia guiá-lo à solidão, pois não queria pagar o alto preço de ter alguém do lado, não se tratava do fim da família, mas de um processo que propunha novos arranjos que modificassem o modelo tradicional romântico, carregando o desafio de conciliar o amor por si mesmo e o amor pelo outro. Portanto, “a noção tradicional de casal vacila. A

duração que o caracterizava tem valor de ideal não mais de imperativo, porque nos recusamos a obedecer às coações que a tornam possível” (Badinter, 1986, p. 265).

É assim que tal modelo de relação conjugal, com expectativa de erotismo e felicidade, nascido na modernidade e ainda presente no imaginário atual, expressa valores e comportamentos ideais de cumplicidade e de dedicação que, muitas vezes, contrastam com a realidade individualista contemporânea, de busca de liberdade nos relacionamentos, gerando conflitos criados pelas idealizações e desilusões. Mas o amor por si mesmo é, hoje, ordem. Prega-se a idéia de que ser solteiro não é anormal, mas apenas uma escolha preferível a manter relacionamentos desiguais. Para Poster (1979), “‘felizes para sempre’ significa viver juntos, não com paixão intensa, mas com austera respeitabilidade” (p. 187). Para Cordeiro (s/d), é preciso "mudar a qualidade do que é estar juntos, do que é necessidade de companhia, do que é ser fiel, e recolocar os limites entre zelo e controle, presença e asfixia, solidão e isolamento, indiferença e discrição, contabilidade e reciprocidade (p. 7).

Para que uma relação seja mantida, é necessário um compromisso que não imponha grandes reservas, e confiança, mesmo diante do risco de sofrimento futuro, caso a relação se dissolva, pois, como Bauman (2004) afirma sobre os riscos de um relacionamento na atualidade,

para cada ganho há uma perda. Para cada realização, um preço. Não importa o horror e a repulsa com que recordamos ou evocamos os preços pagos e as perdas sofridas no passado – as perdas suportadas hoje e os preços a serem pagos amanhã são os que mais incomodam e magoam. Não há sentido em comparar os

sofrimentos do passado e do presente, tentando descobrir qual deles é menos suportável. Cada angústia fere e atormenta no seu próprio tempo (p. 66).

Diante deste contexto, percebo que as limitações e as tensões que as relações afetivo-sexuais contemporânea são cada vez menos suportadas, mas, ao mesmo tempo, não há obstáculos para frear a satisfação dos desejos, a consciência da fragilidade dos relacionamentos e o trauma dos insucessos amorosos, o que tem desligado os casais do comprometimento com o outro. É preciso, então, compreender as experiências dos relacionamentos afetivo-sexuais para, assim, discutir as barreiras do individualismo contemporâneo e encontrar caminhos possíveis para viver o amor e o sexo no contexto atual.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Visando a compreender as experiências vividas de relações afetivo-sexuais não conjugais de mulheres solteiras de Fortaleza, busquei instrumentos que favorecessem a discussão dos significados atribuídos a tais vivências pelas próprias colaboradoras da pesquisa. Desta forma, adotei um método para chegar mais diretamente aos significados atribuídos pelas mulheres contemporâneas sobre a multiplicidade de configurações que as suas relações afetivo-sexuais têm assumido. Assim, perguntei às colaboradoras como eram vivenciadas tais experiências. Decidida a compreender os conflitos contemporâneos envolvidos nos relacionamentos afetivo-sexuais das mulheres solteiras de Fortaleza e, fortalecida pelos pressupostos da pesquisa qualitativa fenomenológica, que garante ao sujeito investigado o privilégio de quem vivencia o fenômeno, e adota a proposta de compreender a experiência vivida, elaborei uma pesquisa qualitativa fenomenológica *mundana* (Moreira, 2004) buscando um diálogo interpessoal contextualizado, considerado essencial para a construção do conhecimento sobre tais vivências contemporâneas, de entrevistadas que dele foram colaboradoras ativas neste processo de investigação.

4.1. A Abordagem Qualitativa em Pesquisa

A perspectiva qualitativa de pesquisa concede às investigações um foco mais amplo do que a perspectiva quantitativa, pois permite que ocorra um diálogo reflexivo e contextualizado entre o pesquisador, os colaboradores e os aliados teóricos. A construção científica é enriquecida, pois, trabalhando para além do rigor da

objetividade das respostas – tão valorizado nas pesquisas meramente quantitativas -, a busca dos sentidos atribuídos ao fenômeno pelos sujeitos investigados ganha prioridade. Bauer e Gaskell (2004) afirmam que a finalidade da pesquisa qualitativa é explorar a variedade de opiniões e as diferentes representações sobre o tema escolhido, implicado nas entrevistas coletadas. Numa pesquisa qualitativa, todo percurso de produção de conhecimento trilha caminhos dinâmicos, em oposição à intenção analítica adotada pelos métodos apenas quantitativos. Portanto, mesmo o início da pesquisa, a apresentação do problema disparador da investigação, é considerado um processo ativo e complexo. Seu caráter de pesquisa humanista logo se delineia, pois o pesquisador está em busca da marca subjetiva atribuída pelos sujeitos ao fenômeno investigado. Desta forma, o método adotado para validar o conhecimento não visa a generalizar verdades e objetivar sujeitos, mas ao contrário, a transparecer instâncias relevantes do fenômeno. É certo, portanto, que os estudos dos fenômenos humanos apoiados numa perspectiva qualitativa necessitam de uma compreensão teórica flexível e capaz de permitir um contato direto com os sujeitos. Gergen e Gergen (2007) acentuam que tal sensibilidade à relação entre pesquisador e sujeitos permite uma construção conjunta, permeada por negociações de significados. Para eles, “efetivamente criamos a realidade do processo relacional” (p. 384) e, de acordo com Denzin e Lincoln (2007), imaginamos, como investigadores qualitativos, que assim o fazemos, pois acreditamos poder nos aproximar da perspectiva dos sujeitos, atores do fenômeno, através de entrevistas, observações e descrições detalhadas.

É importante mencionar a confiabilidade das informações apresentadas pelos respondentes em pesquisas qualitativas. Como a subjetividade, a afinidade e a sexualidade são consideradas assuntos privados, da esfera íntima, é, frequente

surgirem dúvidas acerca da veracidade das informações. Assim, a confiabilidade das informações, essencial em pesquisas sobre a subjetividade, o amor e as práticas sexuais, é garantida pelo instrumento de pesquisa. Heilborn e Cabral (2006), diante de tal importância, adotam a entrevista como instrumento de pesquisa, o que incita o colaborador a falar. As respostas dadas pelos sujeitos da pesquisa são relacionadas ao seu contexto biográfico; portanto, responder sobre tais questões envolve analisar atos nos quais os significados são considerados produtos do contexto em que ocorreram. Além de permitir que o colaborador fale de seus conteúdos particulares, para Moreira (2004), a entrevista lembra o pesquisador da importância de estar atento para o que foi omitido, pois isto também apontaria para o tom da vivência do entrevistado.

4.2. O Método Fenomenológico *Mundano* de Pesquisa

O objetivo desta pesquisa foi compreender o significado de experiências afetivo-sexuais vividas pelas mulheres solteiras contemporâneas. Assim, o método fenomenológico *mundano* fundamentou a pesquisa, compreendendo o fenômeno como uma experiência vivida por um ser humano entrelaçado com o mundo. Assim, percebi o fenômeno investigado como uma experiência vivida em constante relação com o mundo, não podendo considerá-lo sem tratar de sua relação com o mundo. Tal fundamento metodológico me permitiu “suspender”, temporariamente, o pensamento reflexivo de causa e efeito da ciência positivista para me limitar à descrição elaborada pelo sujeito (Moreira, 2004). De acordo com Moreira, a prática da redução fenomenológica coloca em suspensão pressupostos teóricos, experiências, idéias e valores preconcebidos, mantendo-os, momentaneamente, afastados da atitude de compreensão primeira que o pesquisador dirige ao fenômeno

investigado, pretendendo atingir a realidade tal como é concebida pelos sujeitos da pesquisa, atitude fundamental para a validação do conhecimento a partir do olhar *mundano*. Porém, tão essencial quanto considerar a importância da suspensão dos “a priori” em tal processo, é considerá-la uma tentativa impossível de ser completada. Ou seja, a qualidade de homem entrelaçado com o mundo também é aplicada ao pesquisador e, sendo sua “mundaneidade” intrínseca ao homem, cabe ao pesquisador *mundano* “duvidar deste mundo para dar-se conta dele”, num intento que não visa a uma essência pura, mas a “recolocar a sua essência na existência” (p. 2), evidenciando, portanto, o significado da sua experiência vivida em sua relação com o mundo. Para Moreira, a fenomenologia crítica (ou *mundana*) coloca o homem, novamente, na sua relação com o mundo, aceitando a singularidade de cada acontecimento como expressão de uma gênese constante e inesgotável da verdade e do conhecimento. Foi a partir desta lente de compreensão do fenômeno, e considerando suas múltiplas manifestações, que parti para uma descrição da realidade como experiência vivida pelos sujeitos colaboradores. Com a aplicação deste método e a concepção de uma verdade sempre em movimento de constituição, descrevi não apenas vivências subjetivas singulares, mas encontros significativos com as mulheres participantes da pesquisa.

Conforme Boris (2002), para realizar uma pesquisa que vise a compreender os significados de experiências íntimas, é preciso se dedicar a um mergulho em vivências particulares. O pesquisador voltado ao propósito de desenvolver uma pesquisa sob o método fenomenológico foca a descrição do fenômeno vivido pelos sujeitos investigados de modo que lhe permita dialogar com os resultados encontrados, para que, finalmente, nos depoimentos deles, transpareçam uma compreensão unificadora das diversas experiências (Creswell, 2007).

O método fenomenológico *mundano*, baseado em Merleau-Ponty (1945/2006; 1966/1980), foi o instrumento adequado para desenvolver esta pesquisa psicológica enraizada no mundo. Sua visão de homem em mútua constituição com o mundo, aqui, buscou perceber e discutir as significações atribuídas às vivências subjetivas de mulheres solteiras contemporâneas sobre o amor e o sexo, considerando que a cultura é parte importante no processo de construção da subjetividade feminina e de validação científica da pesquisa. A cultura está na base da mútua constituição entre homem e mundo, pois, além de apontar para os múltiplos contornos das relações afetivo-sexuais dos indivíduos, também se mostrou marcada por tais indivíduos nela inseridos. Da mesma forma, Merleau-Ponty (1966/1980), diante da pintura de Cézanne, voltou seu olhar para os fenômenos ali expressados como vivências de um sujeito intrinsecamente relacionado com o mundo e, portanto, ao mesmo tempo em que o fenômeno o revelava, revela o mundo nos múltiplos contornos de sua pintura. Merleau-Ponty destaca que “não assinalar nenhum contorno seria privar os objetos de sua identidade. Assinalar somente um significaria sacrificar a profundidade” (p. 25). Merleau-Ponty (1945/2006) defende a idéia de que o homem é mundo e o mundo é homem: o homem é parte do mundo, que é, também, parte do homem. Neste sentido, Moreira (2004) reforça a idéia da mútua constituição de homem e mundo e afirma que o pesquisador deve tentar conhecer “o que for possível” (p. 4) de tal mundaneidade múltipla, intrínseca ao sujeito, encontrando contornos biológicos, psicológicos, históricos, sociais, políticos, antropológicos e culturais. Buscar o significado das experiências afetivo-sexuais, em uma concepção de homem *mundano*, em que cada entrevistada existe e se constitui mutuamente no mundo, fez com que a compreensão de tal experiência não pudesse ser compreendida desconsiderando o contexto em que tais mulheres solteiras estão imersas, mesmo

que a compreensão de sua experiência, para cada entrevistada, aconteça em seu campo individual.

O método fenomenológico crítico tem como base:

- A descrição minuciosa da experiência vivida das participantes da pesquisa, provocando-as a descrever suas vivências;
- A redução fenomenológica, ou seja, a suspensão (nunca completa) de pressupostos que poderiam interferir nela como “a priori” nas entrevistas, mas buscando compreender o significado singular das experiências vividas;
- A relação intersubjetiva: pesquisadora e colaboradoras são afetadas na sua relação, que, a partir da construção de tal vínculo, facilita a discussão de suas experiências singulares.

Devido a tais características, o método fenomenológico crítico convergiu com o objetivo da pesquisa, ou seja, compreender as vivências das relações afetivo-sexuais das mulheres solteiras de Fortaleza em relacionamentos não oficializados.

4.3. A pesquisa

O início do trabalho de campo ocorreu com o primeiro contato com as colaboradoras escolhidas a partir de minha rede de contatos. Foi realizado um encontro preliminar, reservado à apresentação pessoal e da pesquisa, à construção de vínculo, ao convite para a participação como colaboradora, à discussão e à assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido e ao agendamento da entrevista fenomenológica. A partir das entrevistas posteriormente realizadas, o material de pesquisa foi originado.

Por ser uma pesquisa com seres humanos, os seus aspectos éticos se pautaram na Resolução nº196/96 do Conselho Nacional de Saúde, na qual, mediante uma carta de informação ao sujeito colaborador e um termo de consentimento. Nestes, deixei claros os objetivos da pesquisa, dando liberdade à entrevistada para desistir ou interrompê-la em qualquer momento da entrevista, garantindo sigilo total e irrestrito quanto à sua identificação, como também, determina o artigo 21 do Código de Ética dos Profissionais Psicólogos, assegurando que o sujeito não sofrerá qualquer prejuízo moral, espiritual ou psíquico. Portanto, me comprometi a usar os conteúdos das entrevistas somente para os fins acadêmicos desta investigação.

4. 3. 1 - Os sujeitos da pesquisa

A proposta desta pesquisa foi compreender os significados atribuídos às vivências afetivo-sexuais das mulheres solteiras contemporâneas de Fortaleza. Assim, não busquei elaborar uma escuta da experiência generalizada de um “homem planetário” (Moreira, 2007, p. 58) que expusesse todos os contornos do ser humano que vivencia experiências afetivo-sexuais, mas, compreender as experiências das mulheres solteiras contemporâneas de Fortaleza.

As entrevistadas foram nove mulheres solteiras da minha rede de contatos, que, ao saber da pesquisa, se interessaram em participar como colaboradoras na construção do conhecimento aqui discutido. Todas eram adultas, entre 25 e 35 anos, residentes em Fortaleza. Além disto, todas estavam vivendo relações afetivo-sexuais sem vínculo conjugal, ou seja, que não caracterizavam relacionamentos oficializados – geralmente, baseados na estabilidade, no compromisso e na fidelidade – para que,

assim, o vivido aqui e agora pudesse emergir mais repleto de significados. Por fim, a situação econômica e o envolvimento com alguma forma de trabalho com retorno financeiro foram critérios para a participação na pesquisa. Tais critérios se justificaram, pois compreendo que o sonho do casamento ou de vivências orientadas essencialmente para a conjugalidade, quando dividindo espaço com o desejo de seguir uma carreira profissional e de, nela, obter êxito, assumiria menor importância nos planos da mulher solteira contemporânea (Aran, 2003). Assim, tais critérios apontaram para a necessidade de reorganização do foco de orientação dos seus projetos afetivo-sexuais quando tais mulheres solteiras contemporâneas passaram a ter sucesso profissional. Por tanto, foram entrevistadas mulheres de classe média, visando a compreender a significação das suas prioridades, entre projetos e os sentimentos a respeito do amor e do sexo, discutindo a sua possível busca de independência econômica.

As entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas para a análise e a discussão das falas. Nomes fictícios foram atribuídos, aleatoriamente, às entrevistadas, escolhidos entre mulheres importantes da história do Brasil. Devo ressaltar que não há, em hipótese alguma, qualquer semelhança caracteriológica entre as colaboradoras e os nomes escolhidos. Tais nomes asseguram o sigilo garantido quando da proposta de colaboração na pesquisa: Maria Quitéria, 28 anos, jornalista; Anita Garibaldi, 26 anos, advogada; Tarsila do Amaral, 27 anos, artista plástica; Cecília Meireles, 29 anos, professora; Olga Bernário, 30 anos, professora; Chiquinha Gonzaga, 26 anos, secretária; Maria Bonita, 26 anos, professora; Raquel de Queiroz, 29 anos, jornalista; e, Cora Coralina, 26 anos, jornalista.

4. 3. 2 - O instrumento da pesquisa

Para que esta investigação seja fiel aos seus objetivos e aos seus princípios metodológicos, que priorizam a experiência vivida, o instrumento utilizado para a coleta de dados foi a entrevista fenomenológica. Na intenção de compreender os significados pessoais e a expressão das vivências das colaboradoras, suas falas foram tomadas como suas verdades acerca dos fenômenos investigados e, depois, foram articuladas à luz da discussão dos argumentos dos meus aliados teóricos (Boris, 2002; Creswell, 2007).

Para a fenomenologia crítica (Moreira, 2004), a entrevista permite acesso às diversas relações estabelecidas entre os atores sociais e o fenômeno estudado. No método fenomenológico, a entrevista é iniciada por uma pergunta disparadora, que permite, a partir dela, emergirem novas categorias, o que não limita o entrevistado ao que é proposto pelo entrevistador, resultando, assim, numa compreensão da experiência vivida a partir de dados verbais e não verbais. Além disto, a entrevista fenomenológica afirma a necessidade de empatia e de construção de uma intersubjetividade, na qual o colaborador passa a ter papel ativo na interpretação, reafirmando um discurso compartilhado (Bauer e Gaskell, 2004; Creswell, 2007; Denzin & Lincoln, 2007).

Considerando a aceitação das colaboradoras de participarem da pesquisa, busquei criar uma relação em que a minha postura fosse de uma pesquisadora compreensiva, disposta a aprender a experiência vivida delas.. Foi assinado um termo de consentimento da realização e da gravação da entrevista, permitindo-me ter acesso aos depoimentos das colaboradoras a partir da garantia do sigilo no que se refere aos dados coletados.

Para que tal entrevista constituísse, realmente, uma ferramenta crítica, e seu alcance fosse potencializado, alguns critérios foram seguidos. As entrevistas gravadas foram transcritas em seu conteúdo completo, compondo um texto nativo que registrou não apenas as falas verbais das colaboradoras, mas apontou a importância fundamental dos seus silêncios, choros, interrupções e alterações de voz, vivenciados por elas no momento da entrevista. Assim, em um ambiente de confiança, necessário à investigação, foram realizadas nove entrevistas. Durante a entrevista, busquei estar atenta à dinâmica, ao tom e aos movimentos das colaboradoras e ao que se manifestou em nossa relação de interação, de mediação e de cooperação. É, portanto, privilegiando o que foi vivido e a experiência pré-reflexiva, anterior aos conceitos predefinidos sobre o fenômeno investigado, na intenção de discutir o significado atribuído aos relacionamentos afetivo-sexuais das colaboradoras, que utilizei a pergunta de partida, ou disparadora: *como você vive o relacionamento com o(s) seu(s) parceiro(s)?* Tal pergunta visou a provocar as colaboradoras a expressar sua compreensão das vivências e das significações atribuídas ao fenômeno pesquisado (Moreira, 2004).

Realizei oito entrevistas fenomenológicas com as colaboradoras, nas suas casas ou em lugar de sua preferência. Em um caso, foram realizadas duas entrevistas devido à necessidade da própria colaboradora de esclarecer e de acrescentar detalhes que surgiram após o primeiro encontro. Portanto, o primeiro encontro com as entrevistadas possibilitou a apresentação, a construção de vínculo, o acolhimento, a discussão dos objetivos da pesquisa e dos seus riscos e benefícios, o sigilo e sua não obrigatoriedade. No segundo momento ocorreram as entrevistas fenomenológica propriamente dita.

4. 3. 3 - A análise e a interpretação dos dados da pesquisa

Interessada na compreensão dos significados da experiência vivida, não na busca de suas essências (Moreira, 2004), facilitando, assim, a compreensão de tal experiência em sua mútua constituição com o contexto sociocultural, a análise e a interpretação dos dados foram embasadas em uma proposta fenomenológica crítica, contrária às afirmações de uma essência humana e de uma experiência geral a respeito do fenômeno pesquisado, mas focada nos seus múltiplos contornos (Merleau-Ponty, 1966/1980; Moreira, 2004), experienciados por um ser humano atolado em sua mundaneidade e, portanto, capaz, também, de tratar do mundo enquanto fala de si mesmo. Na análise e na discussão dos dados da pesquisa, portanto, considere as particularidades dos discursos das entrevistadas a respeito das suas vivências afetivo-sexuais, permitindo fazer uma discussão das concepções de sexualidade e de amor que os processos de mudança socioculturais têm imposto à subjetividade feminina contemporânea.

Foram discutidos, portanto, os significados afetivo-sexuais que permeiam e geram implicações nos relacionamentos de tais mulheres solteiras, caracterizados pela não oficialização e pela ausência de vínculos conjugais. Discuti crenças e expectativas diversas e significativas para a compreensão das vivências afetivo-sexuais contemporâneas. Boris (2002) e Creswell (2007) afirmam que a articulação da teoria com as falas significativas dos sujeitos permite gerar revelações do fenômeno pesquisado.

Considerando que a dinâmica dos relacionamentos não oficializados e sem vínculo conjugal revela construções e processos histórico-culturais pelos quais as mulheres vêm passando ao longo do tempo, a partir dos quais vêm (re)construindo

suas concepções de amor, de sexo e de relacionamento afetivo-sexual, os seus significados foram discutidos como construções distintas, erguidas com base na subjetividade de cada entrevistada. Assim, as entrevistas gravadas em áudio foram transcritas e analisadas fenomenologicamente. O material obtido foi interpretado em conformidade com alguns passos indicados por Moreira (2004):

1. *Transcrição da entrevista para obtenção do texto nativo*: registro literal das falas dos colaboradores e da entrevistadora. A leitura do material que resultou das entrevistas permitiu uma aproximação do fenômeno, pois evidenciou detalhes como pausas, choros, silêncios ou mudanças no timbre de voz;

2. *Divisão do texto nativo em movimentos*: sem interferências no texto original, busquei reunir tons semelhantes na transcrição literal das diversas entrevistas;

3. *Análise descritiva dos significados emergentes*: procurei identificar e compreender os diversos significados surgidos nas entrevistas e organizar uma articulação entre os significados atribuídos pelas colaboradoras;

4. *“Saindo dos parênteses” como ferramenta crítica*: nesta etapa, pude realizar uma “inversão” da redução fenomenológica, numa verdadeira implicação da pesquisadora *mundana*, assumindo a impossibilidade de ser totalmente neutra no processo de construção do conhecimento e, portanto, me posicionando frente aos resultados da pesquisa. Para atingir tal fim, elaborei um diálogo entre as concepções de meus aliados teóricos e as falas das colaboradoras, deixando surgir, deste diálogo um conteúdo entrelaçado com os sentidos emergentes das entrevistas fenomenológicas, visando a uma compreensão do fenômeno a partir de um olhar *mundano*.

5. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS: OS RELACIONAMENTOS CASUAIS PARA A MULHER SOLTEIRA CONTEMPORÂNEA DE FORTALEZA

*Se você pensa que vai
Fazer de mim
O que faz com todo mundo
Que te ama
Acho bom saber
Que prá ficar comigo
Vai ter que mudar...
Roberto Carlos*

Os resultados da pesquisa, discutidos neste capítulo, representam as informações e os significados obtidos nas entrevistas fenomenológicas. A partir de tais dados e apoiada no referencial teórico, faço uma análise das vivências afetivo-sexuais das mulheres solteiras contemporâneas de Fortaleza. Por meio de entrevistas realizadas com nove mulheres solteiras, busquei ter acesso ao seu mundo vivido. De posse dos textos nativos, após as entrevistas terem sido transcritas na íntegra, iniciei o trabalho de leitura minuciosa, buscando identificar os sentidos emergentes, presentes no discurso de cada colaboradora, e atentando às suas falas convergentes ou divergentes. Nesta etapa, emergiram sentidos que foram agrupados em temas, cada um, então, dividido em subtemas, para facilitar sua análise.

Adiante, desenvolvo uma discussão de cada tema emergente e de seus subtemas. Trechos de falas das colaboradoras que apontam para tais temas foram destacados em negrito, facilitando o diálogo com os aliados teóricos. Considero

importante esclarecer que as transcrições tentam reproduzir as falas das colaboradoras na íntegra, sem preocupação em adequá-las à norma culta da língua portuguesa. Tal estratégia foi utilizada para permitir uma aproximação do mundo vivido das entrevistadas. Como sugere Moreira (2004), seguir o tom e o movimento global dos depoimentos acerca das suas vivências permite ampliar um olhar mais abrangente sobre o fenômeno analisado.

5.1 Os “Múltiplos Contornos” dos Encontros Afetivo-Sexuais Contemporâneos

Este tema central discute o significado dos relacionamentos casuais para as nove colaboradoras entrevistadas. Exponho suas compreensões e seus sentimentos referentes a como vivenciam suas relações afetivo-sexuais, apontando para uma multiplicidade de fatores de ordem social, cultural, espiritual e psicológica imbricados nas suas vivências.

5.1.1 O encontro casual

*Não há tempo
Que volte amor
Vamos viver tudo
Que há pra viver
Vamos nos permitir
Lulu Santos*

As colaboradoras desta pesquisa comparam suas experiências de “ficar” quando adultas às primeiras experiências vividas na adolescência. Consideram que o “ficar”, naquela fase, envolvia a fantasia romântica de um relacionamento amoroso

e era apenas um ensaio de experimentação do mundo. Além disto, as colaboradoras enfatizam que, no “ficar” adolescente, não havia qualquer envolvimento sexual:

*(...) quando eu era mais nova, era mais por “curtição”. Com o tempo, isso **foi ficando esporádico**, perdeu a **emoção primordial de beijar** alguém porque achei bonito e tal. Acho que a diferença é que, quando a gente é adolescente, tudo é um pouco como quando a gente era criança: a gente **cria uma fantasia** na mente (Tarsila).*

*Eu lembro que tinha esse negócio de que, quando saía à noite, a gente tinha que “ficar” com alguém. E, se não ficasse, **a noite tinha sido perdida** (risos). Já hoje em dia, acho até meio **esquisito** esse negócio de sair na “balada” e beijar a boca de **alguém que você acabou de conhecer** (Olga).*

Ao descreverem a experiência dos encontros casuais adultos, as entrevistadas a consideram um amadurecimento resultante da idade e das diversas experiências adolescentes.

*“pra” mim, a única diferença é que, agora que somos adultos, às vezes, a gente **vai embora junto e o “fica” inclui transar**. Às vezes, vai embora separado e troca telefone. Ou, se você não gostou do “fica”, dá o **telefone errado**, sem querer (risos), ou, então, dá o certo, mas, assim que ele começa a ligar, você “bina” (Olga).*

Giddens (1993) afirma que a qualidade de estar juntos se edifica sobre aquilo que cada parceiro pode dar e manter na relação com o outro. A relação se mantém enquanto ambos os parceiros estiverem suficientemente satisfeitos com o outro. Assim, também, o “ficar” adulto e casual é referido como forma de se relacionar, pois permite um contato afetivo-sexual com satisfação para ambos, além de salientar o fato de que se mantêm, entre tais mulheres, já maduras, a necessidade de compartilhar sentimentos, muito mais do que diversão.

hoje, eu consigo perceber que, antigamente, “ficar” com alguém era uma necessidade e não uma escolha. Quando eu descobri isso, eu lutei para só “ficar” se fosse algo mais escolhido. Não é sempre que eu quero “ficar” com alguém para beijar na boca; assim, às vezes, têm dias que é só isso que eu quero; mas, no geral, eu procuro “ficar” com alguém que me acrescenta. Sei que isso parece besteira, mas eu acho que um simples “fica” pode, sim, me acrescentar muita coisa, seja pela atitude da pessoa, ou pela satisfação do ego: o importante é que esse dia, ou os dias juntos, façam alguma diferença na minha vida (Anita).

com o tempo, a mente amadurece e a gente procura ter o que compartilhar com a pessoa, ver se “rola” uma troca legal, crescimento. Pelo menos “pra” mim, “tipo” a gente passa a buscar ligações em comum com a pessoa, que possam ter uma troca positiva e duradoura, seja amorosa, ou só amigável (Tarsila).

Quanto à possibilidade de se relacionar casualmente, as entrevistadas parecem se dividir. Diante de uma realidade efêmera, muitos são os sentimentos de estranheza. Aqui, eles são acompanhados de sensações de desconforto em relação a uma aparente vulgarização das relações, algumas vezes, culminando em comportamentos capazes de gerar sentimentos autodestrutivos ou de autodepreciação:

eu não considero “ficar” só por “ficar” uma coisa muito saudável, não. Acho que, quando a gente faz isso, não “tá” só renunciando aos nossos sentimentos pelo outro. A gente “tá” renunciando à gente mesmo. Eu só “fico” por “ficar” quando estou com muita raiva de mim mesma (Chiquinha).

Às vezes, acho o clima de algumas saídas muito tenso. As mulheres “tão”, todas, dançando e se divertindo, despretensiosamente, mas não é assim. Com o tempo,

você vai percebendo quem “tá” investindo em quem, quem já “ficou” com quem e que cada uma das amigas que “tão” com você tem uma rede de possibilidades de “caras” que elas “tão” “paquerando” e, às vezes, eu olho para elas, no círculo da gente, e nenhuma “tá” olhando “pra” outra: todas dançam, olhando ao redor, “tipo” caçadora mesmo. Não é que me incomoda: o que me incomoda é que parece que o objetivo da noite é “pegar” alguém. Se você não “ficou” com ninguém, tem algo errado (Bonita).

Acho que o “ficar” pode banalizar demais as relações (silêncio) Eu gosto da entrega do sentimento: acho que só assim “pra” gente descobrir se algo é ou não um bom caminho (Tarsila).

Para Giddens (1993), as mulheres, agindo como *homens sedutores* e se permitindo experimentar a vida sexual, reproduzem um modelo de comportamento masculino, pautado no exercício da sexualidade e fundado na busca de variedade. Para ele, tal estratégia faz com que a sedução perca o significado e a disponibilidade constante do outro passe a ser conflituosa, sendo, muitas vezes, percebida como social e psicologicamente destrutiva, pois as angústias geradas em um relacionamento em que o sedutor não tem mais o poder de ditar as regras da relação, acentuam apenas a busca de preencher necessidades afetivo-sexuais.

Percebo que, diante da impossibilidade de iniciar um relacionamento, logo nos primeiros encontros, sobre as bases estáveis de um relacionamento oficializado, as entrevistadas aceitam “ficar” como parte inicial de um relacionamento. Outras acreditam que os encontros casuais, nos dias de hoje, além de permitirem uma diversão despreziosa, representam a única interação social capaz de gerar a possibilidade de encontros e de relacionamentos mais duradouros:

(...) hoje, é difícil começar um relacionamento já namorando: “ficar” acaba que é uma **forma conveniente** de começar qualquer coisa (Chiquinha).

*Eu nasci na época em que “ficar” é uma **forma de se relacionar**. Na época dos nossos pais, não existia isso: “ficou”, namorou. A minha mãe conta: “eu namorei, 2 dias, com esse menino”. Como assim? Dois dias não é namoro! Mas, “pra” aquela época, era. Eu nasci em uma **época em que as pessoas querem ser livres, aproveitar, provar, experimentar, escolher com calma**, e eu acho isso muito interessante. A gente sempre espera encontrar alguém “pra” namorar e dormir de “conchinha”, no final de um dia cansativo de trabalho, mas **encontrar uma pessoa que se encaixe nos seus conceitos, nas suas expectativas, não é fácil, e a gente consegue isso tentando, “ficando”, “né”?** (Cora)*

*Sei que é meio que conversa superficial, mas acho que eu quero ter a idéia de que a pessoa tem **uma “cabeça legal”** e que me **atrai fisicamente**. Se eu resolvo “ficar”, às vezes, é só beijar e “tchau”, sem nem pegar o telefone. Já “fiquei” até sem saber o nome. **Às vezes, não tem nem um depois**: na mesma noite em que “ficamos”, já nos distanciamos e pronto. **E, às vezes, como já somos todos adultos e já tivemos experiências sexuais, as coisas evoluem mais rapidamente** (Cecília).*

Para Bauman (2004), quando a qualidade e a duração dos relacionamentos atuais decepcionam, a opção que resta é tentar uma busca que contemple apenas a quantidade e a rapidez. Costa (1998) se dedica, em seus estudos, a mostrar que a chamada "normalidade" tem uma gênese e uma história, ou seja, não há uma única noção de amor e de sexo que se mantenha desde sempre. Assim, se uma determinada concepção vier a se tornar padrão, pode deixar de sê-lo. Portanto, as experiências de relacionamentos casuais das entrevistadas apontam para uma forma de se relacionar, hoje, erigida em um contexto histórico e cultural diferente do que, anteriormente, impôs moldes românticos a relações baseadas no poder

patriarcal. Na contemporaneidade, então, presenciamos uma re-configuração de relações que constitui uma alternativa para um sujeito que projeta sua falta no outro e anseia pelo contato físico ou pelo ato sexual como coroamento da relação, reclamando, assim, a completude e a satisfação dos seus desejos.

5.1.2 A expectativa

*Ainda lembro o que passou
Eu, você, em qualquer lugar
Dizendo:
"Aonde você for eu vou"
Marisa Monte*

Ao descrever a experiência de se relacionar casualmente, as colaboradoras expressam suas expectativas quanto à duração e à sequência do envolvimento. Muitas falas apontam para um ideal romântico de continuidade do encontro (Costa, 1998), embora, porém, tenha podido perceber mulheres que buscam o controle da relação:

*a gente **sempre espera uma ligação no dia seguinte**, "né"? A mulher que disser que não liga "pra" isso "tá" mentindo. Mas eu, também, não tenho "frescura": se eu sentir que o "cara" se interessou por mim, também, e o clima da "ficada", no dia anterior, foi bastante "legal", eu ligo, sem problemas, mas, claro, lá pelo final da tarde (risos) (Cora).*

*Se eu "tive" "a fim" da pessoa e sentir que a pessoa tem interesse em mim, eu, até, marco outro encontro. Assim, **se eu "tive" apaixonada, eu espero ele ligar**. Mas, também, prefiro não esperar tanto, não, "pra" não gerar ansiedade, "né"? Eu, até,*

*gosto de ficar com as “borboletas no estômago”. Só que **eu sinto que tem um limite: parece que a ansiedade pode se tornar algo destrutivo** (Tarsila).*

*Só marco outros encontros se **eu tiver gostado** do “cara”. Se não, não me sinto na menor obrigação de sair de novo, não. Se eu tiver gostado, **espero ele ligar**, e fico “superansiosa”, esperando (Olga).*

Muitas entrevistadas manifestam, claramente, várias dúvidas sobre a potencialidade e o desenvolvimento de um relacionamento que começa por meio de um encontro casual. Os conflitos pessoais, referentes aos comportamentos desejados e aos esperados, começam a se fazer presentes quando as colaboradoras parecem misturar sentimentos de interesse em dar continuidade aos encontros com a crença de que tais relacionamentos não possibilitam ligações profundas:

*um “fica” contínuo, dificilmente, vai virar um namoro, para mim. Naquele intervalo, houve espaço “pra” muita coisa: você conheceu a pessoa; você se envolveu com ela; você, provavelmente, “ficou” com outras, na mesma época, e ela, também, e **tudo isso sem comprometimento, sem um relacionamento explícito. Ah! Nada é construído** (Anita).*

*Às vezes, eu “fico” com gente que eu nem sinto tanta coisa: melhor do que “ficar” com um “cara” que eu possa sentir alguma coisa e eu descobrir que o “cara” **queria só “ficar” mesmo**. Daí, eu vou ficar querendo mais. “Pra” mim, **nunca “rolou” de alguma pessoa querer algo mais: quando você escolhe “ficar ficando” vai ser só isso**. Eu já começo pensando que eu **não posso me apegar** (Quitéria).*

Eu via ele “on line” e chamava “tipo” “oi tudo bom?” Mas, depois de um tempo, eu me dei conta: “menino, por que que eu “tô” puxando conversa?” Era “pra” ele (grifo da

entrevistada) *puxar conversa! “Daí”, ele ficava mandando mensagem “pro” meu celular. Ah, que “negócio” de mandar mensagem?! Me liga, ora! Eu gosto de homem que venha atrás, que mostre que “tá” interessado. Porque, depois, se eu fizer todo esforço, eu fico me perguntando: “será que esse menino quer mesmo namorar comigo?” Eu quero ter mais segurança* (colaboradora parece chorar e pede para ir ao banheiro) (Raquel).

Noto que o ideal de amor romântico que perpassou a construção subjetiva ocidental (Giddens, 1993; Costa 1998; Rougemont, 2003) se apresenta nestes relatos no que concerne à expectativa de continuidade dos encontros casuais, para que, depois, seja possível evoluir para uma relação estável e oficializada. Ao mesmo tempo, tais expectativas de perpetuação aparecem junto aos conflitos advindos de uma entrega irrestrita à planos idealizados unilateralmente pelas entrevistadas.

5.1.3. O sexo e o tabu

*Beija eu!
Beija eu!
Beija eu, me beija
Deixa o que seja ser...
Então beba e receba
Meu corpo no seu
Corpo eu, no meu corpo
Deixa!
Eu me deixo
Anoiteça e amanheça...
Marisa Monte*

Bauman (2004) afirma que as relações casuais e o sexo se manifestam no contexto atual como autossuficientes. Por vezes, posso perceber tais relações como traduzidas por uma satisfação pura, e, assim como para Bauman, o sexo livre

carregaria uma máscara de felicidade. Mas, nos depoimentos aqui transcritos, é possível apontar para além da satisfação de desejos e experimentação de uma sexualidade livre; no discurso das entrevistadas, ficam claros amores frustrados, planos não realizados, medos e hipocrisia:

*“tá”, você “transou” com o “cara” só por “transar”. Não quer nem pensar em namorar, mas vai dizer que não acha uma gracinha quando ele manda uma mensagenzinha de “bom dia, meu bem”, no outro dia? É grave (risos). A gente, até, sabe que é **mentira dele**, “tipo” é o jogo dele de “vou fingir que eu não quis só te comer”, mas, mesmo assim, a gente **gosta que ele ligue no outro dia**. É grave mesmo! E, quando você encontra com ele, no outro dia, e ele finge que você é uma **mera conhecida, assim como todas as outras** que estão na boate? Pior: **a gente finge que isso é normal!** Mas eu duvido quem não fica arrasada! (Bonita)*

A sexualidade (Costa, 1998) é cercada de múltiplos “contornos” e múltiplas variantes, e é impossível negar que os ideais românticos das entrevistadas ainda são centrais na sua forma de conceber relações afetivo-sexuais:

*só “rola” sexo se eu estiver muito encantada pela pessoa. Me incomoda essa coisa do “tesão” “brega”, **banalizado**, do sexo puramente lascivo. **Quero sexo com coração** (Tarsila).*

*(...) é, “rapaz”, o envolvimento emocional “tá” sendo reduzido. Cada vez mais, as pessoas não se interessam de verdade por quem elas “tão” junto. Todo mundo quer **só a satisfação física, o momento**, sem compromissos nem expectativas. Eu **gosto de ouvir** o quê a pessoa tem “pra” dizer (Chiquinha).*

Por outro lado, as colaboradoras demonstram vivenciar a liberdade sexual como uma opção consciente. Seus depoimentos mostram mulheres que se permitem aprender com o outro, assim como buscar prazer. Para muitas, a culminância do encontro casual numa relação sexual íntima é experimentada como fonte de vivacidade, que aumenta sua auto-estima. Não parece haver barreiras que indiquem que o sexo apenas possa ser vivido em relações oficializadas com namorados e maridos – tal vivência pode, hoje, até mesmo ser vivenciada como parte do jogo da sedução:

*se eu acho que a pessoa não vale a pena para um relacionamento **nem tenho tesão**. Mas, também, acho que nós, mulheres, fazemos uma espécie de barganha: “**vou te mostrar o que posso fazer por você, se ficarmos juntos**”. Desse jeito, nós **mantemos relações sexuais antes de termos comprometimentos afetivos**. Às vezes, me sinto entusiasmada porque acho que vale a pena, mas tem vez que me sinto desconfortável: acho que é **cedo demais**, mas não vejo como **fugir da situação**. Às vezes, acho que devia **dizer não para que a coisa pudesse dar certo**, e, às vezes, acho que, **para dar certo, eu tenho que dizer sim**. É complicado saber o que fazer porque acho que o politicamente correto seria não ter sexo com “ficantes” para não ser **taxada de promíscua** ou fácil. Ainda existe a idéia de que a **mulher deve ser só de um homem**, ou, pelo menos, de um número bem reduzido (risos). Mas, no fim, todas cedem à tentação ou ao momento, e ficamos sempre com a impressão de que, **o que não deu certo foi porque transamos muito cedo ou porque decidimos não transar**. Acho que, no fim, o motivo de não ter dado certo deve ser outro, mas a gente acha que só tem a ver com sexo (Cecília).*

Para Giddens (1993), tais encontros são explorações das possibilidades que a sexualidade plástica contemporânea oferece. Sua característica impessoal e efêmera é, muitas vezes, superada pela abertura à experiência do cotidiano. Nas

entrevistas, pude perceber que tais experiências são especialmente referidas como positivas, se compartilhadas com um parceiro que transpareça algum comprometimento afetivo:

*(...) se há possibilidade de sexo, só “topo” se for com algum “fica” que eu já esteja “ficando” ou já tenha “ficado” algumas vezes. Não gosto de transar com estranhos. Eu preciso ter um **mínimo de intimidade para me sentir confortável suficiente para ter sexo**. Mas, também, hoje em dia, acho que isso não é mais grande coisa, não (Olga).*

*(...) o sexo, “pra” mim, só tem realmente prazer quando eu estou envolvida: pelo menos, é assim, a maior parte das vezes. Não “to” dizendo que nunca fiz. Eu já tentei fazer sexo casualmente, mas **não me fez sentir prazer**, o que é o objetivo principal, “né”? (risos). Talvez seja algo da minha “cabeça”, mas o fato é que eu não vejo o menor sentido em fazer sexo com alguém se não for para sentir prazer: por isso, “tô” evitando o sexo nos primeiros encontros até eu **ver mesmo se aquilo vai se tornar um “fica” esporádico ou contínuo** (Anita).*

Mesmo tendo atravessado mudanças socioculturais que geraram grande libertação (Scott, 2000; Badinter, 2005) – especialmente, a revolução sexual da metade do século XX –, a mulher contemporânea demonstra que os seus ideais românticos ainda parecem confundir as relações em que o seu vínculo se estabelece por meio de um contato sexual íntimo:

*o sexo faz com que a gente pense que aquela pessoa tem muito **mais afinidade com você do que ela realmente tem. Apega mais!** Até “pra” se desvencilhar da pessoa é mais difícil (Quitéria).*

Várias são as regras silenciosas que ditam como a mulher contemporânea solteira deve agir, se seu objetivo é encontrar um parceiro fixo:

*eu sou uma mulher da contemporaneidade (risos); sério: só que eu aprendi que as boas moças fazem amor e as outras fazem sexo. **Fazer amor é o certo; fazer só sexo pode ser bom, mas não é certo.** O engraçado é que a gente sabe escolher entre o certo e o errado, entre o bom e o mal. Isso é fácil. Problema mesmo é **escolher entre o certo e o bom** (risos), “tipo” sempre tem aquela vizinha que fica falando. (...) Acho que a culpa ainda faz parte da nossa ressaca moral. A gente vive dizendo que quer poder fazer isso, “né”, assim como os homens, mas quando “rola”, toma culpa! **Será que a gente sabe mesmo separar amor de sexo?** (Bonita)*

Tais regras parecem apoiadas numa moral patriarcal (Foucault, 1979; Giddens, 1993) que se confunde com a liberdade sexual pregada atualmente (Costa, 1998; Bauman, 2004). Noto, então, que o que sobra são sentimentos contraditórios de mulheres que lutam com a escolha entre uma entrega prazerosa e uma renúncia planejada. Portanto, estranhamento e muito sentimento de culpa são vividos em tais relações em que o momento do encontro parece potencializar os desejos e o depois castiga, apoiado na moral patriarcal, ainda vigente (Costa, 1998; Bauman, 2004):

*a **minha mãe dizia** assim: “se você ‘ficar’, você vai acabar com seus sentimentos, você vai sofrer muito, **você vai se sentir usada**”. É a mesma coisa do sexo sem compromisso: a gente sempre acha que, se você fizer pela primeira vez, vai ser a **pior coisa do mundo**, e nem é, necessariamente, assim (risos) (Quitéria).*

*(...) eu sinto sempre aquela pontinha de culpa “tipo”: “**se minha mãe soubesse**, passaria 3 meses sem falar comigo,” mas acontece. É que, ainda, tem preconceito mesmo, que é o que a maioria quer fazer, ou faz sem assumir (Chiquinha).*

Entretanto, não apenas nas preocupações com a família se apóia o sentimento de culpa das mulheres entrevistadas. Muitas vezes, o mal-estar e a “ressaca moral” que seguem a relação sexual com um parceiro eventual são acompanhadas de culpa e de punição interna. O preconceito das próprias entrevistadas se manifesta na forma de depreciação do seu comportamento, que as tornariam menos dignas:

*acho que muda as coisas: têm vezes que eu acho que **ele não vai querer mais nada** depois. Mas, também, eu não quero nem que ele queira (risos) porque, senão, ele vai querer uma coisa com uma pessoa que ele **pensa o quê dela?** (Raquel)*

*Existe preconceito ainda, demais. “Pra” mim, que tenho uma mãe moderna, amigas e amigos modernos, isso não acontece. Eu sei que “tô” falando isso, mas **eu, também, tenho esse preconceito, às vezes**. Eu, por exemplo, não transo no primeiro encontro (Cora).*

Diante do desejo e do preconceito referentes à entrega, o ato sexual, quando acontece por impulso do momento, no primeiro encontro casual, é seguido uma “crise de consciência”, como se as entrevistadas estivesse sendo punidas por estar fazendo algo errado. Os fortes valores patriarcais arraigados em nossa cultura (Costa, 1998; Bauman, 2004) autorizam o homem a exercer sua sexualidade, contudo à mulher permanece ainda negada tal liberdade. Os relatos, aqui descritos, reforçam que às mulheres cabe, ainda, demonstrar recato para ter valor e ser respeitada.

5.1.4. O vínculo afetivo

*Tempestade vai e vem
 Vai firme no leme marinho
 Ela me quer e eu já não choro mais
 Vou correr o mundo inteiro
 Me dá um beijo, que o beijo é uma reza
 pro marujo que se preza
 Skank*

Os encontros casuais não são marcado por linearidade conforme o significado atribuído pelas nove entrevistadas. Cada uma, a partir dos múltiplos contornos das suas vivências mundanas, deu um sentido singular à sua experiência, mas ficou claro que, as relações casuais têm sido, para elas, uma forma de exercer sua liberdade sexual, de experimentar relações sem compromisso e de estar-no-mundo de forma espontânea:

acho que “ficar” é uma forma fácil de suprir a carência de estar sozinha e, ao mesmo tempo, é se dar uma chance de conhecer alguém para um futuro relacionamento. Via de regra, se está atrás de um namorado: pode “ficar”, mas não pode “dar”! (risos) “Pra” mim, “ficar” não envolve sentimentos, não. Pode ser que, com o tempo, “ficando” com a mesma pessoa, você acabe gostando e queira namorar, mas já tive vários “ficantes” fixos, que era só atração física mesmo, só tesão, só sexo (Olga).

Se você “fica” com um “cara”, um tempo, vai conhecendo e gostando dele, ele de você, e tal e tal, e isso pode vir a ser um namoro. E tem “cara”, também, que, no primeiro dia que você conhece, te deixa loucamente apaixonada. Você está buscando um prazer, ali, “né”? Então, pode ser que passe a acontecer um sentimento, mas, isso, só “jogando os dados”, na sorte. Muitas vezes, não

acontece nada porque, na verdade, é possível fazer sem os dois ter sentimentos
(Cora).

Para algumas entrevistadas, o encontro casual, apesar do vislumbre de uma relação estável futura, provoca sentimentos negativos de ansiedade e de rejeição. Estar numa relação casual é sinônimo de insegurança:

se eu tiver ficado muito interessada, tomo a iniciativa de marcar outros encontros: não fico esperando ele fazer. Eu, até, fico ansiosa com a possibilidade dele ligar, mas é como eu disse antes: se ele não ligar, eu ligo para saber, logo, se vai dar em alguma coisa porque essa coisa de ser indireto, vago, “eu te ligo, amanhã” e nunca liga, não combina comigo. (...) eu costumo agir naturalmente e me permito me envolver o tanto que tiver a fim dele. Não consigo evitar me envolver! Não tem como, “né”? Só evito ficar sofrendo muito, sem saber no que vai dar: se começo a me sentir assim, procuro, logo, saber se vai dar certo ou não (Cecília).

Para muitas delas, bem como para Bauman (2004), reconhecer a independência do outro é reconhecer um futuro indeterminado; desta forma, lutar para ter certeza de que a relação será mantida amanhã, de fato, faz reviver as dores de abandonos anteriores.

Feridas de relacionamentos anteriores são marcas presentes nos relacionamentos atuais. Tentar novamente implica em vencer decepções, encarar o medo da solidão e levar em conta uma descrença nos encontros afetivos atuais como sobrecarga para um novo relacionamento:

*o pior do namoro é acabar. Sempre fica aquela história “será que eu ainda vou gostar de alguém?” porque, hoje em dia, eu olho “pras” pessoas e digo: “menino, eu não vejo ninguém interessante!” Você fica **esperando o acaso**, “né”? Porque eu não vou sair procurando! Hoje em dia, “rapaz”, o “cara” tem que ter alguma coisa a mais, alguma coisa que eu não sei nem explicar. (...) Não é coisa de **decepção** porque isso eu sei que vou ter, até, com meus filhos. Então, **você vai deixar de viver um amor porque vai sofrer?** Não vale a pena! Eu já passei por vários **momentos de solidão** e eu sei que ela acaba (Raquel).*

Os “relacionamentos de bolso” (Bauman, 2004, p. 10), “guardados” e “usados” quando necessário, parecem baixar as expectativas de amor estável. “Fazer amor” nas noites avulsas evoca uma consciência vigilante, que não pode ser vencida pela vontade de se apaixonar. Assim, para muitas mulheres, o sofrimento carregado de um encontro ao outro, de uma relação à outra, cria depoimentos recheados de evitação e defesa quanto à possibilidade de envolvimento e de entrega – passos seguintes necessários a um relacionamento:

*eu procuro viver minhas relações da maneira mais desinteressada possível, mas, na verdade, eu, geralmente, fico inclinada a ter sentimentos extremos e exagerados. (risos) **O meu objetivo principal é manter a sobriedade, ser o mais desapegada possível** (Chiquinha).*

*Às vezes, eu acho que eu sou um pouco fria: sou meio objetiva nesse negócio de “ficar”. Mas eu “tô” descobrindo que eu não sou essa objetividade toda, não. Quando o “cara” começa a me encantar, eu fico morrendo de medo. Eu tenho “tipo” **postura de homem**”. Eles é que, quando a gente “ta” começando a gostar, **desaparecem**. Eu fico com **medo de “tomar um fora”**, do “cara” não me querer mais (Quitéria).*

Frazão e Rocha (2004) afirmam que as mulheres, ao adotarem um referencial masculino, acabam suprimindo as diferenças e, assim, privam a si, e ao outro, do exercício do poder garantido pela afirmação de suas diferenças. Assim, a igualdade não resiste na supressão da diferença, pelo contrário, complementaridade e diferenças são os desafios das propostas amorosas contemporâneas. Noto, então, em conformidade com o descrito pelas entrevistadas, que solidão e vazio são frequentes e parecem aumentar as barreiras que as fazem sentir como inábeis em estabelecer vínculos afetivos.

5.2. As Relações Afetivo-Sexuais Atravessadas pelo Cotidiano Contemporâneo

Este segundo tema central descreve as relações casuais como parte de uma conjuntura de mudanças de concepção que ocorre na contemporaneidade. O romantismo (Costa, 1998; Bauman, 2004), como atitude de buscar a afeição contida nas ações do outro, e as relações afetivo-sexuais, consideradas tentativas daqueles que as vivenciam no corre-corre atual de expressar uma falta e suprir sua carência afetivo-sexual, são referidos para chamar a atenção a outras preocupações emergentes da contemporaneidade: o casamento, o futuro profissional e a concepção sobre o outro.

5.2.1. O namoro e o casamento *versus* o “ficar”

*Desilusão, desilusão
Danço eu, dança você
Na dança da solidão
Marisa Monte*

Para algumas colaboradoras da pesquisa, as relações casuais são cômodas e permitem uma maleabilidade que o casamento e o namoro impedem, já que nelas as cobranças são evitadas e a possibilidade de agir livremente é real:

*tem alguma coisa no **namoro que me assusta**: acho que é isso de **dar satisfação***
(Quitéria).

*(...) quando namoramos alguém, esperamos ter de conviver com seus **defeitos** e não só com suas qualidades. O peso da palavra namoro muda todo o enfoque da relação*
(Anita).

Giddens (1993) trata da ânsia de amor e da necessidade de preencher o vazio; enquanto Bauman (2004) considera que a angústia dos abandonos anteriores e de se sentir descartável cria sujeitos contemporâneos desesperados por se relacionarem, mas ambos os pensadores sociais, por outro lado, desconfiam da ligação a vínculo permanente, pois tal tipo de envolvimento requer encargos e tensões e impõe limites à liberdade despreocupada.

Para outras entrevistadas, a falta de comprometimento e estabilidade é o ponto negativo das relações casuais. Por vezes, tal liberdade gera uma sensação de estar perdida, sem saber ao certo o quê quer:

*no namoro, tem o compromisso, o interesse, o querer estar com o outro. “Ficar” é só querer “curtir” com o outro. A **diversão** vale mais. O namoro passa mais **tranquilidade** porque, no “ficar”, você não sabe se ele “tá” “ficando” com outra. **Você nem sabe se quer ter essa mesma liberdade** porque parece que, se a gente fizer bem direitinho, vai ter mais chance de virar um namoro* (Rachel).

*Já namorei e fui casada. É diferente: **sinto falta do companheirismo, da certeza de ter alguém, da intimidade, de sentir que estou em um relacionamento que está evoluindo.** Às vezes, eu tenho a sensação de que **não posso mais passar anos e anos experimentando relacionamentos: preciso encontrar uma pessoa que dê certo comigo, logo, para poder iniciar uma nova fase na vida. Tem uma pressão do tempo, “né”?** (Cecília)*

Assim, estar envolvida, mas sem compromisso, é considerado por várias colaboradoras, algo bom. As falas descrevem o início de uma caminhada para a plenitude do amor. Tal caminhada não encerra, nos encontros casuais, todas as expectativas de uma experiência de amor. Por vezes, elas acreditam que a falta de proximidade compartilhada, exacerbada por um mundo individualizado, pode mesmo afastar o casal se surgirem conflitos amorosos ou profissionais. O que pude perceber na unanimidade dos depoimentos, mesmo naqueles satisfeitos com a situação atual, é que os encontros casuais, quando comparados com as relações estáveis, parecem não trazer o alento que, ainda hoje, é atribuído a elas (Bauman, 2004):

*é aquela velha comparação entre **amor e paixão.** No começo, a gente é amigo, recém-apresentado, só “ficantes” e tal. Tem aquele quê de egoísmo e desinteresse pelo outro. No casamento e no namoro, é mais **sólido**, já tem um interesse dos dois, os hábitos, as manias. **A cumplicidade aumenta, “né”, e o bom é que a inquietação diminui** (Chiquinha).*

*Já namorei nove anos seguidos. Existe uma completa diferença entre namorar e “ficar”. Quando você namora, tem certas intimidadezinhas com o seu namorado na frente de todo mundo porque vocês se conhecem, e todo mundo sabe disso. (...) **A intimidade gera cumplicidade, “né”? É explícito! “Ficar”, não: é vazio! É uma***

peessoa desconhecida, ali, na frente: tudo o que você fala e ouve é com a certeza de que você não conhece nada (grifo da entrevistada) sobre a outra pessoa. Eu prefiro namorar! Prefiro tomar café da manhã, na cama, ver televisão de domingo, abraçado, comendo um negócinho, transando de vez em quando. Prefiro “dormir de conchinha” e ter uma pessoa que possa me acompanhar nas coisas que quiser, que conte o dia “pra” mim e ouça como foi o meu, e te dê um beijo de boa noite, com o carinho mais sincero (Cora).

Amar em nada se parece com os moldes vendidos na mídia. As projeções e as expectativas em relação ao amor e àquilo que irá satisfazer as carências afetivo-sexuais, têm cegado, homens e mulheres, para a singularidade de se relacionar com outro ser (Johnson, 1987; Costa, 1998). Noto, no discurso das entrevistadas, uma paixão pelo amor, antes, de um amor pelo homem. O namoro e o casamento são metas ansiosas, que parecem aplacar o amargo de abandonos passados, bem como, amenizar a dor de viver relações descartáveis. Tal anseio, por vezes, parece fazer as entrevistadas esquecerem a permanente necessidade de lidar com os limites e as aflições de estar em relação com outro indivíduo.

5.2.2. O romantismo

*Eu tenho tanto
Prá lhe falar
Mas com palavras
Não sei dizer
Como é grande
O meu amor
Por você...
Roberto Carlos*

Ser romântica, ainda, é importante para a grande maioria das entrevistadas. A mudança ocorreu na qualidade daquilo que nomeiam como “romântico”. As demonstrações tradicionais (flores, abrir portas, presentes, etc) são, hoje, consideradas ultrapassadas e piegas. Os moldes patriarcais de amor romântico são compreendidos como prisões mentais (Costa, 1998; Bauman, 2004), que não permitem aos casais contemporâneos vivenciar a potencialidade que seu encontro amoroso singular pode gerar:

*acho que não tem mais lugar “pro” romantismo hoje não. Ah, a mídia vende uns **moldes!** Sei lá! O romantismo “tá” meio que **estereotipado**: as pessoas querem uma coisa que não existe, não é possível, sabe, nem acho que é verdadeiro. O amor existe, mas as demonstrações não são as mesmas de uns 80 anos atrás (Chiquinha).*

*Não sou uma romântica de fato: não me preocupo com flores e caixas de chocolates, **nem em ter, sempre, a coisa certa para dizer.** Mas eu acho que as atitudes têm que mostrar que existe uma **intenção de fazer bem** ao outro: nesse sentido, eu sou romântica. Não gosto de sentir que estou **sendo usada** para que a pessoa se satisfaça: **gosto de sentir que existe uma preocupação comigo** (Cecília).*

*O romantismo está fadado ao fim. Qualquer ismo tem que ser banido “pra” que a gente seja livre e feliz. Acho que o romantismo é um bom movimento artístico. (risos) Sêrio: é onírico, **serve de referência utópica.** Não “tô” querendo dizer que a gente deve ser frio e impessoal. Pelo contrário: **eu acho que existe vida além do romantismo** (risos), como se o romantismo fosse a fotografia de um estado de espírito em evolução (Tarsila).*

Portanto, atitudes percebidas como românticas, mas que, na verdade demonstram preocupação e cuidado singulares com a companheira, são consideradas essenciais para que ocorra a entrega e a manutenção de um relacionamento mais longo.

*Eu acredito demais no romantismo, mas acho que **ele foi moldado ao longo do tempo**. O que é ser romântico, para mim, **pode não ser para outra pessoa**: isto é totalmente possível “né”? “Rapaz”, agora, uma coisa eu tenho percebido: o romantismo tem que ser alimentado. Não “tô” falando de clichês, não: “tô” falando do **dia a dia** (Anita).*

*Já namorei, várias vezes; já fui casada, durante um ano. Meu namoro mais longo durou quase 4 anos. Então, apesar desse lado carnal, eu sou romântica e acredito no amor: **gosto de pensar que, um dia, vou conhecer alguém que vai me completar e que serei feliz para sempre** (Olga).*

Para Costa (1998) enquanto estivermos presos aos ideais românticos de amor, o modo de se relacionar não sofrerá mudanças capazes de transformar a qualidade das relações de gênero. Fortalecer a culpa, sua ou do outro, pela incapacidade de se comprometer é permanecer sem contestar as regras comportamentais, sentimentais e cognitivas passadas de geração para geração quanto ao que é amar. Diante destes depoimentos, amar romanticamente, enaltecido, aqui, por uma roupagem de romantismo contemporâneo, não é tarefa simples. Para as entrevistadas, uma relação de casal funcional, não parece precisar ser perfeita ou evitar sofrimentos, mas deve apontar para um estar-no-mundo em que cada um dos membros do casal aprenda a utilizar a relação para troca e evolução de suas potencialidades. Noto, então, que os antigos arranjos românticos

foram postos à prova e, atualmente, é possível maior flexibilidade nas negociações amorosas.

5.2.3. O outro da relação

*Se amanhã não for nada disso
Caberá só a mim esquecer
O que eu ganho, o que eu perco
Ninguém precisa saber
Lulu Santos*

As regras sociais de como ser uma “boa moça” – por vezes, silenciosas em seus mandamentos castradores, outras remodeladas, disfarçando aceitações, mas taxando de depravadas aquelas que ousam ser mais liberais –, misturadas com o desejo de experimentar as possibilidades de uma liberdade afetivo-sexual recém conquistada, coexistem, causando conflitos entre os gêneros:

*às vezes, eu **me ofendo** com a postura que o homem chega, me cobrando. Mas eu acho que a gente tem que prestar atenção na mensagem que “tá” passando. É porque eu **tenho essa imagem de “toda liberal”**: eu quero me fazer disso e acabo passando uma mensagem que eu não quero passar. Essa dualidade me atrapalha muito. Esse julgamento é meu, de criação, mas me incomoda quando eu sou vista como “ovelha negra”, como aquela que “não perde tempo”. Será que ele vai **olhar “pra” mim direito depois de conseguir o que queria?** (Quitéria).*

Eu “tô” percebendo que a maioria dos homens não sente mais necessidade de encobrir as intenções deles. Não é que eles são sempre diretos. Mas a gente não pode dizer que eles fingem sempre, “tipo” parece ser o que não é. O que eu “to”

*querendo dizer é que aquele momento que estamos juntos mostra se existe intenção de novos encontros. Esse é um grande problema que eu enfrentei, por um bom tempo. Eu sempre quis continuar “ficando”. Eu alimentava as expectativas, sabe? Quando eu “fico”, normalmente, é com alguém que eu queira uma continuidade, mas, **o ficante tem inúmeras razões para não querer continuar**. Nem “tô” dizendo que sou eu, não: às vezes, são motivos que não têm, absolutamente, nada a ver conosco. Ah, não sei! Acho que a gente coloca **expectativas muito elevadas** nas pessoas (Anita).*

Assim, são comuns as falas que apontam para uma rixa entre os gêneros. Aceitar que o a mulher tenha atitudes mais liberais, e que não sofra taxações, se manifesta, ora como indignação frente aos moldes ainda vigentes, ora como o troco que a mulher contemporânea tem dado aos homens, agindo com “postura de homem”, como já fora mencionado:

*(...) hoje, **a gente, também, pode classificar os homens**: tem só “pra” transar e só “pra” namorar. Às vezes, dá errado porque a gente tenta transformar o de transar em de namorar, sem avisar pra ele... aí, vem mais sofrimento (Bonita).*

*Têm horas que tudo que a gente quer é que a pessoa esqueça que você existe. Ou eu mesma **“dô” um jeito “de tomar um chá de sumiço”**, por conta própria (Chiquinha).*

*O que mais me incomoda, às vezes, é que eu, também, penso assim, mas me incomoda, mesmo, porque o **homem pode “ficar” com uma “porrada” de mulher ao mesmo tempo, e ele só vai ser o fodão**. E isso, não dá “pra” acreditar, mas faz, até, as outras mulheres que ele ainda não “ficou” ficar interessadas nele, “pra” saber o que ele tem de bom, que “fica” com todo mundo. **Já, quando o caso acontece***

com a mulher, pelo contrário: ela é vagabunda, já “deu” “pra” todo mundo e não é confiável (Cora).

Mais uma vez, apesar das transformações atingidas pelas lutas feministas, noto a manutenção de atitudes dualistas de: opressor e oprimido. Os comportamentos socioculturais de homens e mulheres nos relacionamentos afetivo-sexuais, ainda que com aparente igualdade, sustentam posturas cristalizadas (Frazão & Rocha, 2004). A insatisfação das entrevistadas aponta para uma dicotomia homem *versus* mulher, e, assim, discutir os estereótipos de papéis e de funções nas relações de gênero parece reclamar uma busca de romper com os conflitos.

5.2.4. O futuro

*Nada do que foi será
De novo do jeito que já foi um dia
Tudo passa
Tudo sempre passará
Lulu Santos*

A preocupação com o tempo é uma constante no discurso das entrevistadas. A sensação de que resta pouco tempo para viver experiências casuais e a necessidade de programar uma existência mais sólida disputam espaço nos planos das colaboradoras. Muitas consideram que a idade é geradora de tal corrida contra o tempo. As colaboradoras próximas dos 30 anos afirmam ter desejo de mudança e sonhos de estabilidade futura, coroados com emprego e família feliz. Porém, mais uma vez, mesmo com as transformações vividas pelas mulheres no decorrer das

últimas décadas, a partir, principalmente, das lutas feministas, ainda manifestam ideais românticos (Costa, 1998) de família e de futuro:

*Nós somos mulheres independentes: trabalhamos, temos dinheiro, amigos. Mas a gente, ainda, se **preocupa muito com o afetivo**. Parece que tem um **buraco**. Eu tento não deixar isso tomar conta de mim. Às vezes, eu tento não me preocupar, usando as fugas, trabalhando ou saindo demais, fugindo da solidão, “né”? Eu sei que “tá” errado, mas estar só é algo negativo e a sociedade preza estar feliz o tempo todo. (...) Eu quero casar, mas **os modelos que vejo não são os que eu quero “pra” mim**. As pessoas acabam abdicando demais de si “pra” ficar em casa. Meus namorados tinham ciúme do meu trabalho. E eu quero crescer profissionalmente. Se der certo, vai ser com alguém que pense no seu futuro, também (Quitéria).*

Planos de crescimento profissional, misturados com insucessos afetivos passados, deixam um ranço nos discursos das mulheres entrevistadas. Pensar em si mesmas e aprender a viver uma existência fortalecida, basicamente, pelos seus alicerces pessoais, se apresenta como meta central dos discursos aqui transcritos:

*eu “tô” vivendo um momento peculiar da minha vida. Eu me acostumei a controlar demais as situações e, agora, “tô” deixando, um pouco, que as coisas aconteçam, “tipo” **o mistério do depois ser “legal”** e não aquele **poço de ansiedade e dúvidas** que eu sentia. Eu namorei muitos anos, e do jeito que eu namorei, de “tipo” até morei na casa da família dele, isso deixa a gente sem entender como as coisas funcionam no mundo dos solteiros. A maioria das pessoas recém-solteiras fica meio perdida nessa loucura acelerada do **“beija e esquece”** dos solteiros. Eu **demorei a me adaptar**: mesmo quando eu **gostava da solteirice**, muitas vezes, tudo que eu **queria era voltar à seguridade da vida de casal**. Hoje, eu te digo que eu “tô” feliz do jeito que eu “tô”, **sem saber** se amanhã vai ser o dia que eu vou “ficar” com um “cara” sensacional, que eu nunca mais “vô” “vê”, ou se “vô” conhece um “cara”*

*“legal”, que vai **viver comigo uma história de amor**. Claro que eu tenho vontade de casar, mas acho que, **talvez, pela primeira vez na vida**, o relacionamento **não é a coisa mais importante** da minha vida, e eu aprendi isso me relacionando, **sofrendo e esperando** ligações que nunca iam acontecer. “Rapaz”, eu não me arrependo nem um pouco dos sofrimentos infundados. É por eles que eu me sinto muito bem com o que eu tenho, hoje. Eu consigo ver as coisas mais claras, hoje e “tô” valorizando o que é bom e o que é ruim, para mim: “tô” buscando isso (Anita).*

*A melhor coisa que eu te digo é você aprender a **se divertir: sozinha**, com suas amigas, com sua família; se divertir, assistindo um filme, sozinha, na sua casa, porque namorar por namorar, namorar sem gostar, ou namorar só “pra” sentir insegurança. (...) Eu arrumei um mestrado, também, “pra” me afastar de vez dele (falando do ex-namorado). Hoje, eu “tô” pensando em viajar, aproveitar minhas férias e ir passar um tempo trabalhando fora. Sei lá! Hoje, **eu me sinto melhor sozinha**. Eu não fico mais sonhando só porque vi um “cara” interessante. (...) Eu acho que, ainda, vou ter que vencer meu egoísmo. O pouco que eu ganho dá “pra” mim, mas, depois, eu “vô” ter que trabalhar três expedientes “pra” ter filho e, depois, eu “vô” “tá”: “esse menino só me dá despesa”! **Será que eu vou aprender a amar esse menino?** Hoje, eu penso muito: **não sei se eu quero ser mãe** (Raquel).*

Costa (1998) afirma que “o amor é uma ilusão em nome do qual muitas pessoas sacrificam uma vida inteira” (p. 155). As entrevistadas, a partir de suas vivências afetivo-sexuais, procuram lidar com as expectativas geradas nestas relações contemporâneas de bases inseguras. Noto, assim, na grande maioria dos depoimentos, sonhos futuros ainda arraigados em substratos de um ideal romântico com características de entrega incondicional e confiança irrestrita (Costa 1998; Rougemont, 2003; Bauman 2004). A insegurança gerada pelos amores casuais tem trazido dor e sofrimento, psíquicos e emocionais; a perda precisa ser rápida e

constantemente elaborada; o amargo de uma rejeição e o enaltecimento da variedade e da troca têm gerado frustrações e medos de se relacionar. O futuro, para as entrevistadas, me parece carregado de egoísmos e de defesas individualistas. Mas, os insucessos amorosos, acompanhados de culpa e de baixa da auto-estima começam a apontar para insatisfações contra os valores morais, ainda impostos à “boa moça”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo discutir os significados atribuídos pelas mulheres solteiras contemporâneas de Fortaleza às suas vivências afetivo-sexuais. A pergunta de partida foi *como você vive o relacionamento com o(s) seu(s) parceiro(s)*? Tal proposta de compreensão foi organizada em três capítulos.

O primeiro discute os percursos e as mudanças histórico-sociais nas vivências afetivo-sexuais, assim como os impactos ou reflexos de tais transformações na subjetividade das mulheres contemporâneas. Assim, “Mulheres Domesticadas ou Libertárias: Repercussões Históricas e Psicológicas do Movimento Feminista”, destaca como as mudanças nos papéis femininos e, conseqüentemente, dos masculinos, abalaram as estruturas sociais. Apesar de as antigas representações do gênero feminino ainda se materializarem nas subjetividades atuais, as rupturas provocadas pelas conquistas feministas possibilitaram uma brecha para a emancipação das mulheres do enredo “natural” de suas histórias como donas-de-casa e mães. Pude observar nas relações amorosas e na vida cotidiana uma tentativa de algumas mulheres de sair do universo fechado que se constituiu com a dominação do patriarcado. Porém, continuo a me questionar se a mulher contemporânea alcançou sua autonomia.

O problema parece ser que cada uma das mulheres contemporâneas, com sua história particular, permanece, ainda, atada a uma construção de autonomia associada a uma série de fatores socioculturais. É certo que alguma autonomia foi alcançada, mas vale ressaltar que, apesar de toda a luta do movimento feminista e das teorias acerca das relações de gênero para desconstruir as desigualdades

socioculturais entre homens e mulheres, ainda persistem modelos de “boa moça” e “verdades” que apontam padrões de conduta e ideais de sucesso a serem resignificados.

O segundo capítulo, “Santidade ou Perdição: Os Diversos Papéis Afetivo-Sexuais da Mulher na Sociedade Contemporânea” destacou que a inserção das mulheres em espaços que, outrora, eram considerados masculinos provocou, no campo dos relacionamentos afetivo-sexuais, desconforto e necessidade de reorganização dos papéis de cada gênero. O avanço destas mulheres no conhecimento de si próprias, de sua intimidade e sexualidade fizeram, sem dúvida, com que os choques de relacionamento e a precariedade das relações entre mulheres e homens se tornassem muito mais presentes nos dias de hoje.

A ciência e a tecnologia avançaram no sentido de proporcionar autonomia às mulheres – a pílula anticoncepcional, a reprodução assistida e a “independente” liberaram as mulheres da maternidade ou da necessidade do casamento para realizar tal desejo. Por outro lado, afirmaram a versão descartável dos relacionamentos contemporâneos.

O terceiro capítulo, “Até que o Individualismo nos Separe: uma Breve História do Amor” discute o fenômeno sociocultural e atual que permite que as mulheres não se contentem mais apenas com sonhos românticos e idealizações de seus relacionamentos. Porém, no percurso da história das mulheres, as fantasias não deixaram de habitar as suas construções afetivas. A possibilidade de realização sexual desvinculada de um relacionamento estável permite autonomia e prazer, mas, sem dúvida, é uma conquista que joga as mulheres de hoje na confusão de um amor eventual, sem comprometimento e individual; e se, individual, portanto,

suscetível às oscilações e fraquezas de algo construído sem o compartilhar, baseado, somente, no compromisso consigo mesmo.

O quarto capítulo descreve, então, o método que busca dar conta do objetivo geral de discutir as experiências singulares das mulheres contemporâneas de Fortaleza. Utilizei uma abordagem qualitativa e o método fenomenológico *mundano*. Entrevistei mulheres solteiras de Fortaleza sempre atenta aos movimentos dos sentimentos e das vivências por elas expressados. No contato com elas pude perceber que as novas possibilidades de expressão da subjetividade feminina continuam esbarrando nas concepções tradicionais patriarcais de poder em vários âmbitos, o que se repete também nos relacionamentos afetivos-sexuais das mulheres de hoje.

O quinto capítulo, “Análise e Interpretação dosS Dados: Os Relacionamentos Casuais Para a Mulher Contemporânea de Fortaleza” apresentou temas complexos, atravessados por uma multiplicidade de variáveis, e, portanto, foi dividido em temas emergentes e subtemas.

O primeiro tema emergente – “Os ‘Múltiplos Contornos’ dos Encontros Afetivo-Sexuais Contemporâneos” – discute as compreensões femininas acerca dos encontros casuais, além de sentimentos vividos pelas mulheres solteiras de Fortaleza em relacionamentos sem vínculo de compromisso. As suas experiências de relações afetivo-sexuais, neste momento crítico, em que as transformações constantes apontam para uma construção simbólica, relacional, histórica e sociocultural, sugerem que as novas formas de se relacionar, também, sofrem modificações e que um novo modos de relacionamento entre mulheres e homens precisa emergir. Seus depoimentos descrevem uma mentalidade, nos dias de hoje, em que ambos, mulheres e homens, parecem estar voltados para o mundo, e

dedicados a ele suas subjetividades ficam desprotegidas e a ambiguidade intrínseca do início de um relacionamento afetivo-sexual parece assaltá-las aumentando a sua fragilidade. O “ficar” ou o relacionamento casual é considerado uma possibilidade de início de um relacionamento com o outro. Porém, fugas e autodefesas parecem ser formas de prevenir a dor de relacionamentos mal sucedidos, e são usadas como aliadas na luta contra a insegurança gerada por eles, pois não estabelecem papéis fixos e não exigem comprometimento nem fidelidade. A pressão da luta pela liberdade sexual feminina parece enfraquecer as expectativas de relacionamentos aos moldes do amor romântico. As mulheres entrevistadas internalizaram um modelo de experimentação da sexualidade, vinculado à busca de variedade, mas, devido a construções socioculturais patriarcais ainda fortemente entranhadas na definição do que caracteriza um relacionamento sexual-afetivo satisfatório, sua busca acaba sendo uma estratégia conflituosa. Assim, ao preencher sua necessidade de carinho e de contato com o “ficar” ou ato sexual casual, têm vivido sentimentos ambivalentes de experimentar um cotidiano livre dos limites antes impostos às mulheres, junto a sentimentos de culpa. Ou seja, ao vivenciar uma sexualidade plástica parecem acompanhadas de uma experiência de “vazio”, advinda da busca da sensação de realização.

Por fim, o mesmo tema aponta para os tabus ainda presentes na sociedade atual, referentes às possibilidades de as mulheres se relacionarem sexualmente de forma livre. As entrevistadas afirmam, muitas vezes, o desejo de pôr em prática ou reivindicar seu prazer sexual, considerando positiva a liberdade com que encaram seu cotidiano, mas apontam para a regra sociocultural que prega que dar espaço ao sexo livre seria sofrer com os julgamentos de uma relação classificada como passageira e impessoal. Ser considerada vulgar seria, então, um equívoco, mas

levaria, certamente, ao fracasso no plano amoroso, e jogaria a mulher, mais ainda, na inevitável companhia da solidão.

O outro tema emergente foi intitulado de, “As Relações Afetivo-Sexuais Atravessadas pelo Cotidiano Contemporâneo” e discute os relacionamentos afetivo-sexuais na atualidade, destacando ainda, as preocupações da mulher contemporânea em relação à multiplicidade de “contornos” que interferem na possibilidade de seu sucesso. O namoro e o casamento são mencionados como metas, pois se tratam de relações duradouras e seguras, e é com ânsia de amor que espera que as relações casuais sejam portas para um sonho, ainda romântico, de união estável. O romantismo é, também, tratado neste tema, mas aparece com uma roupagem contemporânea. A versão atual do que é ser “romântico” não significa, necessariamente, cenas e atos cavalheirescos; pois, hoje, o sonho de uma experiência romântica de amor envolve personagens que lutam, diariamente, com os obstáculos da vida do casal e que buscam vencer as pressões constantes das ofertas tentadoras do mundo dos solteiros. É possível perceber que a ânsia de amar das entrevistadas comporta uma esperança de serem “felizes para sempre”. Mas, para muitas, o amor romântico é uma prisão sociocultural, pois enevoa as suas formas autênticas e singulares de amar com um ideal inatingível. Ser romântico se traduz, então, para as mulheres aqui entrevistadas, em palavras e ações que expressem a vivência de alguém que está envolvido no relacionamento, ou seja, esperam preocupação com o outro e entrega ao relacionamento, mas sem que isso signifique seguir modelos vendidos nem criar idealizações.

Os olhares particulares das entrevistadas sobre o amor e o sexo afirmaram a busca de vínculo durável, baseado em igualdade, intimidade e reciprocidade. O casamento nos moldes tradicionais, que parecia prometer a conquista dos sonhos

almejados, se apresenta modificado, deixando de ser a fórmula exclusiva de se relacionar afetiva e sexualmente. Persiste o plano de estar com um único parceiro, em um relacionamento de bases sólidas, mas parece estar presente, no discurso de tais mulheres, a tentativa de mudar a qualidade do modo de estar juntos. Creditando as relações passadas decepções e traumas, as entrevistadas consideram que se comprometer traz novos riscos de sofrimento; portanto, os relacionamentos são encarados com um misto de sonho e pesadelo. Por fim, o olhar feminino sobre os homens e a sua crítica revoltada à influência ainda persistente de um padrão duplo de julgamento dos comportamentos masculinos e femininos, se misturam ao delineamento de uma imagem de mulher que, agora, busca caminhar com os próprios pés. Suas investidas no futuro envolvem planos de conquista pessoal que deixam pouco espaço para investimentos familiares. O sonho do encontro amoroso, ainda claramente presente, se manifesta, agora, com requisitos essenciais que acrescentam, além da necessidade de fidelidade e de entrega, a manutenção de espaços pessoais bem delimitados.

Os relacionamentos afetivo-sexuais atuais têm convivido com um individualismo exacerbado, que faz com que o medo e a frustração sejam seus companheiros diários. As entrevistadas descrevem “múltiplos contornos” para as suas necessidades atuais. Entretanto, estar em uma relação afetivo-sexual de bases bem definidas, apesar de essencial, não é a única. Iniciei este estudo a partir de uma angústia advinda de uma experiência vivida com grande sofrimento na minha vida pessoal e, no caminho profissional, de professora, pesquisadora e psicóloga, percebi mistos de sofrimento e alegria nas experiências afetivo-sexuais de mulheres (amigas) contemporâneas. Assim, diante dos relatos aqui expostos, me deparei com mulheres em busca de um percurso mais livre e autêntico em direção ao amor, ao

sexo e à completude pessoal, me identificando com as palavras de Bauman (2004) na sua obra “Amor Líquido: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos”, citada no prefácio deste trabalho. Agora, finalizo o presente estudo, com as palavras de Jurandir Freire Costa (2000), em “Amor”, análise concedida ao Jornal Folha de São Paulo, como minha tentativa de dar voz à multiplicidade de sentimentos que emergiram em mim na produção desta pesquisa.

Novos mundos, novos sujeitos, novas emoções. No momento, estamos, pouco a pouco, aceitando que a experiência amorosa é fugaz e seu destino é a provisoriedade. Resta saber, portanto, para onde vai migrar a vontade de ir além do bom senso, o desafio de realizar o impossível ou o ímpeto de vencer a brevidade, em matéria de felicidade emocional. (...) quem ou o que vai se ocupar do sentido da vida de cada dia ou da fantasia da redenção afetiva? (Costa, 2000.)

Por fim, como pesquisadora fenomenológica, movimento difícil, desbravador e corajoso, porque me colocou viva diante da vida do outro – que também vi como minha – me coloco, agora, diante de uma perspectiva sócio-antropológica daquilo que se pode pensar sobre homens e mulheres e seus relacionamentos contemporâneos. Assim, frente à tal realidade, chamo a atenção para a importância de tais estudos para a psicologia e para a clínica dos estudos de gênero, levantando questões e pensando a condição humana a partir do feminino, do masculino, do homossexual, ou seja, de dentro. Além disso, de posse das entrevistas e da análise de seus dados, aposto em futuras propostas de pesquisas que falem das vivências afetivo-sexuais de mulheres solteiras contemporâneas de outros estados de nosso país; caminhando, ainda mais, para um olhar fenomenológico abrangente da realidade da mulher solteira contemporânea brasileira. Não posso, no entanto, deixar de mencionar a complementar importância para o estudo de gênero, de uma

pesquisa que apontasse os sentidos masculinos de suas vivências afetivo-sexuais contemporâneas.

REFERÊNCIAS

- Almeida, T. (2008). *O percurso do amor romântico e do casamento através das eras*. Psicopedagogia Online. Recuperado em 10 de Setembro de 2009, de <http://www.thiagodealmeida.com.br/site/publicacoes>
- Aran, M. (2003). Os destinos da diferença sexual na cultura contemporânea. *Rev. Estud. Fem.*, jul./dez., 11(2), 399-422.
- Araújo, M. F. (2002). Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. psicologia: Ciência e profissão. *Conselho Federal de Psicologia em Revista*, Brasília, 2, 70-77.
- Arruda, J. J. A. (2006). *Nova história moderna e contemporânea: da transição feudalismo-capitalismo à guerra de secessão dos Estados Unidos*. (vol. 1) Bauru-SP: EDUSC.
- Badinter, E. (1986). *Um é o Outro: relações entre homens e mulheres*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Badinter, E. (2005). *Rumo Equivocado: o feminismo e alguns destinos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Bauer, M. W. ; Gaskell, G. (2004). *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som*. Petrópolis: Vozes.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Beauvoir, S. (1949). *O Segundo Sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- Boris, G. D. J B. (2002). *Falas de homens: a construção da subjetividade masculina*. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secult.
- Bourdieu, P. (1999). *A dominação masculina*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.
- Butler, Judith. (1999). *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge.
- Cordeiro, C. (s/d). *Casamento: de Roberto Carlos a Marina*. In Curso Família, Famílias. A medida do amor é amar sem medida. Universidade Aberta do Nordeste. Fundação Demócrito Rocha – Famílias 5.
- Costa, J. S. F. (1998). *Sem Fraude nem favor*. Rio de Janeiro: Rocco. v. 1.
- Costa, J. S. F. (2000) Amor. In: Jornal Folha de São Paulo. Caderno Mais! 31 dez. Recuperado em 10 Outubro de 2009 de http://jfreirecosta.sites.uol.com.br/artigos/artigos_html/amor.html
- Creswell, J. W. (2007). *Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. 2 ed. Porto Alegre: ARTMED.

- DaMatta, R. (2001). *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco.
- Denzin, N. K. e Lincoln, Y. S. (2007). *O planejamento da pesquisa qualitativa, teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed.
- Foucault, M. (1979). *Historia da sexualidade I: a vontade de saber*. 2 ed. Rio de Janeiro: Graal.
- Foucault, M. (1998). *Historia da sexualidade II: o uso dos prazeres*. 8 ed. Rio de Janeiro: Graal.
- Frazão, L. M. ; Rocha, S. L. C. de. (orgs.). (2004). *Gestalt e gênero: configurações do masculino e feminino na contemporaneidade*. São Paulo: Livro Pleno.
- Gergen, M. ; Gergen, K. (2007). Investigação qualitativa: tensões e transformações. In Denzin, N. ; Lincoln, Y. (orgs.). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, p. 367-388.
- Giddens, A. (1993). *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. 2. ed. São Paulo: UNESP.
- Goldenberg, M. (2004) *De perto ninguém é normal: estudos sobre corpo, sexualidade, gênero e desvio na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Record.
- Gurgel, T. (2007). Entrevista: O feminismo como um movimento de transformação social. *Revista do Instituto Humanista UNISINOS*. 210ed. São Leopoldo.
- Heilborn, M. L. ; Cabral, C. S. (2006). Práticas sexuais na juventude: análise sobre a trajetória e a última relação sexual. *Cadernos de Saúde Pública (FIOCRUZ)*, Rio de Janeiro, 22, jul, 1471-1481.
- Hite, S. (1983). *O Relatório Hite*. 15 ed São Paulo: Difusão Editorial S/A Difel.
- Johnson, R. A. (1987). *She: A Chave do entendimento da Psicologia Feminina*. Mercuryo São Paulo.
- Le Rider, J. (1993). *A modernidade vienense e as crises de identidade*. 1ed. Civilização Brasileira.
- Lins, R. N. (1997). *A camana varanda: arejando nossas idéias a respeito de amor e sexo*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Lipovetsky, G. (2000). *A terceira mulher*. Lisboa: Coleção Epistemologia e Sociedade
- Merleau-Ponty, M. (1980). *A Dúvida de Cézanne*. São Paulo: Abril Cultural. (Obra original publicada em 1966). Coleção Os Pensadores.
- Merleau-Ponty, M. (2006). *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1945)
- Moreira, V. (2004). O método fenomenológico de Merleau-Ponty como ferramenta crítica na pesquisa em psicopatologia. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. 17(3), 447-456.

- Moreira, V. (2007). *De Carl Rogers a Merleau-Ponty: a pessoa mundana em psicoterapia*. São Paulo: Anna Blume.
- Oliveira, A. V. (2008). A teoria de Judith Butler: implicações nas estratégias de luta do movimento feminista. In: II Seminário Nacional. Salvador. II Seminário Nacional. Recuperado em 05 de Outubro de 2009, de <http://www.neim.ufba.br/site/arquivos/file/anais/anaisteoriafeminista.pdf>
- Oliveira, M. (1997). *Homem e mulher: a caminho do século XXI*. São Paulo: Ática.
- Organização Mundial da Saúde (1993). *Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Perrot, M. (2005). *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru: EDUSC.
- Poster, M. (1979). *Teoria crítica da família*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Rago, M. (2003). *Os feminismos no Brasil: dos “anos de chumbo” à era global*. Labrys, estudos feministas. 3, jan/ jul. Recuperado em 05 de Outubro de 2009, de <http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys3/web/bras/marga1.htm> .
- Rougemont, D. (2003). *História do amor no Ocidente*. São Paulo: Ediouro: Clássicos de Ouro Ilustrados
- Sardenberg, C. M. B. (2004). Estudos feministas: um esboço crítico. In Amaral, Célia Chaves Gurgel. *Teoria e prática dos enfoques de gênero*. Salvador: REDOR/ Fortaleza: negif/UFC.
- Siqueira, D. ; Bandeira, L. (2003). A construção feminina do tempo. Labrys, estudos feministas. 3, jan/ jul 2003 Recuperado em 05 de Outubro de 2009, de <http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys3/web/bras/deis1.htm>
- Scott, J. (1991). *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Recife: SOS Corpo.
- Scott, J. (1994). Prefácio a “Gender and Politics of History”. *Cadernos Pagu*, 3, Campinas/SP .
- Scott, J. (2000). Igualdade versus diferença: os usos da teoria pós-estruturalista. *Debate Feminista – Cidadania e Feminismo*, especial. (edição especial em português).
- Souto, M. C. ; Frazão, L. M. ; Rocha, S. L. C. de. (orgs.). (2004). *Gestalt e gênero – configurações do masculino e feminino na contemporaneidade*. São Paulo: Livro Pleno, p. 160-172.
- Sutter, C. (1995). *A medida do amor é amar sem medida*. In Curso Família, Famílias. Universidade Aberta do Nordeste. Fascículo 5. Fortaleza: Jornal O Povo/Fundação Demócrito Rocha/Governo do Estado do Ceará.
- Teles, M. A. (1999). *Breve história do feminismo no Brasil*. 145.Ed. São Paulo: Brasiliense: Coleção Tudo É História
- Therborn, G. (2006). *Sexo e poder: a família no mundo, 1900 – 2000*. São Paulo: Contexto.

ANEXOS

CARTA DE INFORMAÇÃO

Senhora Paciente,

Eu, Bruna Benemann, Psicóloga, CRP/11/04843, residente na Av. Dioguinho, 4200/327. Praia do Futuro – Fortaleza Ceará, fones: 30677303/86020532, venho, por meio desta, solicitar a sua participação para entrevista, como voluntária na pesquisa: “Amores Femininos: Os conflitos contemporâneos no envolvimento afetivo e sexual da mulher solteira de Fortaleza”, salientando que sua contribuição é muito importante para a pesquisa. Gostaríamos de pedir sua ajuda, concedendo-nos entrevistas (conversas), que acontecerão na Clínica Golden Med, localizada na Rua Coronel Jucá 1789, Dionísio Torres, sala 206 ou em um local da disponibilidade da colaboradora. Em relação aos horários das entrevistas, poderão ser decididos em contatos posteriores, levando em consideração a disponibilidade dos envolvidos.

Estamos fazendo esta pesquisa para saber como as mulheres que moram na cidade de Fortaleza/CE vivenciam suas relações sexuais – afetivas atualmente. Garantimos o mais absoluto sigilo dos dados que nos serão confiados através das entrevistas de acordo com o art. 21 do Código de Ética Profissional dos Psicólogos. Pedimos, outrossim, autorização para gravar as entrevistas em gravador e fita K7 para que os dados permaneçam fiéis ao que foi relatado por V. Senhora, resguardando o seu direito de interromper ou parar com a colaboração na pesquisa a qualquer momento que achar conveniente.

Sua colaboração na pesquisa não terá custos nem ganhos em dinheiro a você. Nossas conversas terão a duração que a senhora desejar e serão gravadas, podendo ser ouvidas novamente sempre que desejar. Lembramos que seu nome não aparecerá e a senhora não será identificada pelas informações que fornecer.

A sua participação em qualquer tipo de pesquisa é voluntária. Em caso de dúvida quanto aos seus direitos, escreva para o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos – COÉTICA/UNIFOR. Endereço – Av. Washington Soares, 1321 – CEP 60.811-905 – Fortaleza-CE.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento que atende às exigências legais, o Sr. (a)

_____, portador(a) da cédula de identidade _____, após leitura minuciosa da CARTA DE INFORMAÇÃO AO PARTICIPANTE, devidamente explicada pelos profissionais em seus mínimos detalhes, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO concordando em participar da pesquisa proposta.

Fica claro que o participante e/ou seu representante legal pode a qualquer momento retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar desta pesquisa e ciente de que todas as informações prestadas tornaram-se confidenciais e guardadas por força de sigilo profissional art. 21 do Código de Ética Profissional dos Psicólogos.

E, por estarem de acordo, assinam o presente termo.

Fortaleza-Ce., _____ de _____ de _____.

Assinatura do Participante ou Representante Legal

Assinatura do Pesquisador